

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
LARISSA RESENDE MARIO**

**A HOSPITALIDADE EM BRUMADINHO - MG: UMA
ANÁLISE DO INSTITUTO INHOTIM**

São Paulo
2015

LARISSA RESENDE MARIO

**A HOSPITALIDADE EM BRUMADINHO - MG: UMA
ANÁLISE DO INSTITUTO INHOTIM**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Hospitalidade e Serviços nas Organizações da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

São Paulo
2015

LARISSA RESENDE MARIO

**A HOSPITALIDADE EM BRUMADINHO - MG: UMA
ANÁLISE DO INSTITUTO INHOTIM**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Hospitalidade e Serviços nas Organizações da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

Aprovado em

Prof. Dr. Airton José Cavenaghi/Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles/Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo/Universidade de São Paulo

*Aventurar-se causa ansiedade,
mas deixar de arriscar-se é perder a si mesmo...
(Kierkgaard)*

Agradecimentos

Agradeço a minha família pelo apoio incondicional em todas as minhas escolhas. Obrigada por serem tão presentes, vocês são o meu alicerce e a minha referência do que há de melhor na vida: o amor!

Aos meus amigos por toda compreensão e apoio durante esse período de estudos, sou muito grata pela amizade de todos vocês!

Aos professores do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembí Morumbi, e também ao amigo Alan Guizi, muito obrigada pela troca de experiências, conhecimentos durante o curso e principalmente por todo apoio.

Gostaria de registrar meus agradecimentos a Alessandra Cervantes, secretária do mestrado, por ser tão atenciosa!

Em especial, agradeço ao meu orientador, Airton José Cavenaghi, que me despertou o interesse por buscar compreender a importância de se preservar e manter viva a memória de um lugar. Obrigada por me apoiar e por estar ao meu lado em todos os momentos dessa caminhada.

A todos os moradores de Brumadinho que contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa. Muito obrigada pela confiança e disponibilidade de vocês! Em especial, quero agradecer a Érica Nathalia de Sousa, gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, e sua mãe, Dona Amélia, por terem sido tão gentis comigo desde o primeiro contato. Vocês me deram uma aula de Hospitalidade onde eu pude entender no sentido mais genuíno da palavra o que é a verdadeira definição de Hospitalidade! Obrigada por me acolherem na casa de vocês de forma tão verdadeira. Hoje me sinto parte da família de vocês!

A todos vocês, obrigada por tudo!

RESUMO

A atividade turística desempenha um importante papel dentro do panorama econômico mundial, assim como também exerce influência no desenvolvimento social de uma localidade turística, apropriando-se dos aspectos sociais e culturais da comunidade receptora para a prática do turismo. Ao analisar o fenômeno das viagens, é imprescindível discutir a relação existente entre hospitalidade e comunidade, onde a hospitalidade pode ser percebida como um insumo do produto turístico de uma localidade. Considerando esses fatores, esta dissertação visa apresentar os resultados dos levantamentos bibliográficos e discutir as observações feitas *in loco* sobre o atual cenário turístico do objeto de estudo desta pesquisa, o município de Brumadinho em Minas Gerais, localizado a 60 km da capital Belo Horizonte, onde será analisado o Instituto Inhotim, como o principal equipamento cultural indutor do turismo no município. Através dessa análise questiona-se qual o papel do Instituto Inhotim nas relações de hospitalidade existentes em Brumadinho? A metodologia aplicada foi de caráter exploratório-descritiva, utilizando-se de uma abordagem qualitativa fundamentada em três eixos norteadores: hospitalidade, serviços e turismo, a fim de verificar se um equipamento cultural pode influenciar no crescimento da hospitalidade de uma localidade. A partir desses questionamentos, verificou-se, sobretudo, que a abertura do Instituto Inhotim influenciou no crescimento da atividade turística em Brumadinho, porém, por ser uma atividade recente, a população local não se vê inserida neste novo contexto social, o que impacta diretamente nas relações de hospitalidade entre a comunidade e os visitantes, e entre a comunidade e o museu.

Palavras-chave: Hospitalidade. Serviços Turísticos. Museus. Instituto Inhotim. Brumadinho – MG.

ABSTRACT

The tourism industry plays an important role in the world economic outlook, as well as an influence on the social development of a tourist resort, appropriating the social and cultural aspects of the host community for the practice of tourism. By analyzing the phenomenon of travel, it is essential to discuss the relationship between hospitality and community, where hospitality can be perceived as a tourism product of the input of a locality. Considering these factors, this dissertation aims to present the results of literature surveys and discuss the observations made in situ on the current tourism scenario of the study of this research object, the municipality of Brumadinho Minas Gerais, located 60 km from the capital Belo Horizonte, where It will analyze the Inhotim Institute, as the main inducer cultural equipment of tourism in the municipality. Through this analysis it questions the role of the Inhotim Institute in existing hospitality relations in Brumadinho? The methodology applied was exploratory and descriptive character, using a qualitative approach based on three guiding principles: hospitality, services and tourism in order to check whether a cultural facility can influence the growth of the hospitality of a locality. From these questions, there was, above all, the opening of the Inhotim Institute influenced the growth of tourism in Brumadinho, however, as a recent activity, local people do not see inserted in this new social context, which directly impacts in relations of hospitality between the community and visitors, and between the community and the museum.

Key-words: Hospitality. Tourist Services. Museums. Inhotim Institute. Brumadinho - MG.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de Brumadinho e municípios limítrofes	25
Figura 2. Instituto Inhotim	28
Figura 3. Instituto Inhotim	29
Figura 4. O gabinete de história natural de Ferrante Imperato, em Nápoles (1672)	32
Figura 5. Número de Museus por ano de fundação, Brasil, 2010	37
Figura 6. Número de Museus abertos depois de 1980 no Brasil	38

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAT – Centro de Atendimento ao Turista

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – International Council of Museums

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MinC – Ministério da Cultura

MTur – Ministério do Turismo

OMT - Organização Mundial do Turismo

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC – Serviço Social do Comércio

SESC – Serviço Social do Comércio

SETUR – Secretaria Estadual de Turismo de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. A COMUNIDADE, OS VISITANTES E A HOSPITALIDADE	17
1.1 A relação entre comunidade e o visitante	17
1.2 A cidade como um espaço de memória e a Hospitalidade	20
1.3 Brumadinho e o Instituto Inhotim	24
CAPÍTULO 2. MUSEUS E SOCIEDADE	30
2.1 Caracterização dos Museus	30
2.2 A relação entre Museus e Turismo	39
CAPÍTULO 3. A HOSPITALIDADE EM BRUMADINHO E O INSTITUTO INHOTIM	43
3.1 Metodologia	43
3.2 A relação das atividades turísticas com a hospitalidade na cidade de Brumadinho – MG: uma análise da opinião dos moradores e dos empresários locais do setor de Turismo	47
3.3. Discussão dos Resultados	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICES	64
Apêndice A. Roteiro de entrevista realizada com os empresários e moradores de Brumadinho	64
Apêndice B. Entrevistas com os empresários de Brumadinho	65
Apêndice C. Entrevistas com os moradores de Brumadinho	92

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade que gera impactos econômicos, sociais e ambientais e são crescentes os estudos e análises do modo como esses impactos interferem no cotidiano das cidades receptoras dessa atividade. Ao buscar o turismo como uma estratégia de desenvolvimento para uma determinada região, inicialmente, são promovidas ações em funções das questões de infraestrutura para o turista, ou seja, o que fazer ou melhorar para receber o visitante quanto aos serviços de transportes, alimentação, meios de hospedagem e opções de atrativos turísticos. Contudo, ainda hoje, observa-se que pouca atenção é dada à comunidade receptora, aos hábitos e costumes dos moradores locais e de que forma essa população se vê inserida nesse cenário.

Atualmente, compreende-se que a atividade turística não é relacionada apenas ao ato de viajar. Assim sendo, ao analisar-se o fenômeno do turismo moderno, definir um conceito específico torna-se algo amplamente complexo, pois o turismo pode ser considerado uma atividade socioeconômica, geradora de bens e serviços que visam satisfazer as necessidades básicas do homem. Nesse sentido, Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 23) afirmam que, “[...] para definir o turismo é necessário analisar todos os componentes, levando em consideração todos os nichos que interagem de forma participativa e que são afetados por essa atividade [...]”. São esses bens e serviços de hospitalidade, a interpretação analítica buscada nesta dissertação.

É preciso pensar no turismo não apenas como o ato do deslocamento, mas como uma atividade multidimensional obtida com a soma de fenômenos e relações originadas da inter-relação dos componentes envolvidos no processo de captar e receber os turistas na localidade. O processo de acolhimento, entretenimento e alimentação desses visitantes, lembrado por Camargo (2004), como a manifestação da oferta de serviços de hospitalidade.

No Brasil, segundo o Ministério do Turismo (MTur), a atividade turística vem se desenvolvendo de maneira crescente, e nos últimos anos, o país tem se tornado mais competitivo, destacando-se também em outros segmentos do turismo, além do tradicional segmento de sol e praia.

Uma pesquisa encomendada pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), e divulgada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em setembro de 2013, apontou que as atividades culturais como visitação a bairros históricos, museus, casas de cultura, exposições, monumentos e shows, foram destaque entre os turistas que vieram para a Copa das Confederações no Brasil, em junho de 2013; mostrou também que o turista que viaja pelo

Brasil tem manifestado interesse em conhecer os aspectos histórico-culturais do país, o que tem contribuído para o desenvolvimento e fortalecimento do setor, principalmente naqueles destinos que não se beneficiam do segmento de sol e praia.

Diante desse contexto, busca-se nesta dissertação fazer uma análise do atual cenário turístico ligado à prática da hospitalidade na cidade de Brumadinho, em Minas Gerais (MG), onde está localizado o Instituto Inhotim, considerado o equipamento cultural mais visitado naquele município, fator que vem sendo observado e discutido não apenas pelas entidades de fomento ao turismo e empresários do setor, mas também, pela população local, que por sua vez são os primeiros a sentir os impactos da atividade turística realizada na cidade por conta desse atrativo.

A questão central a ser respondida por meio deste estudo é: qual o papel do Instituto Inhotim nas relações de hospitalidade existentes em Brumadinho?

Com base nas investigações preliminares da pesquisa foi possível traçar as seguintes proposições: (P1) A população local não se sente parte do atrativo turístico; (P2) a população se incomoda de não haver a divulgação da cidade como destino turístico, apenas do equipamento cultural em questão; (P3) Observa-se o crescimento do fluxo de visitantes na cidade decorrente da implantação do museu.

Neste aspecto, o objetivo geral da pesquisa é verificar se um equipamento cultural pode influenciar no crescimento da hospitalidade de uma localidade. E os objetivos específicos focam-se em: 1. Avaliar o impacto do equipamento cultural (Instituto Inhotim) sobre a localidade; 2. Identificar de que forma a população local se vê inserida dentro desse novo contexto social.

Para isso foi realizado um levantamento do referencial bibliográfico teórico sobre os assuntos norteadores da pesquisa, apresentados nas palavras-chave, utilizando-se como base as análises de diversos autores que abordam as teorias e conceitos de Hospitalidade, Turismo Cultural e Museus. E para abordar os conceitos de hospitalidade e turismo apoia-se nos seguintes autores: Camargo (2004); Denker e Bueno (2003); Lashley e Morrison (2004); Gotman (2001); Grinover (2007); Camargo e Cruz (2009); Cañada e Gascón (2007); Costa (2004); Faria (2012); Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002); Castrogiovanni (2000); Moesch (2002) entre outros.

Também foram realizadas quatro visitas de observação *in loco* em Brumadinho para obter mais informações sobre o fluxo da atividade turística local, objetivando-se uma ampliação dos questionamentos iniciais e a estruturação da metodologia de pesquisa a ser aplicada.

Para compreender a situação atual do turismo desta localidade, foram utilizados os dados parciais da primeira etapa do Inventário da Oferta Turística do município de Brumadinho, realizado pela empresa E3 Consultoria e apresentados durante o II Seminário de Turismo de Brumadinho, em abril de 2014. Nesse diagnóstico foram analisados os serviços e equipamentos turísticos que atendem primeiramente o visitante, e as estruturas de apoio, sendo: infraestrutura e apoio ao turismo; serviços e equipamentos turísticos; e atrativos turísticos.

A metodologia desenvolvida, de caráter exploratório-descritiva, utilizou a abordagem qualitativa, buscando compreender os fenômenos segundo as perspectivas dos sujeitos, ou seja, procura-se compreender o fenômeno do turismo como um processo social inserido em um determinado momento histórico (DENCKER, 2007), fundamentando-se em três eixos norteadores: hospitalidade, serviços e turismo. Foram utilizadas as seguintes técnicas e instrumentos para o seu desenvolvimento:

Observações sistemáticas sobre as atividades turísticas locais como método de coleta de dados, em quatro visitas *in loco* para identificar o atual cenário turístico do município de Brumadinho; para essas observações foi elaborado um questionário (Apêndice A) e aplicado inicialmente aos proprietários de dez estabelecimentos, como pousadas, restaurantes e empresas de receptivos que atuam diretamente no setor de serviços turísticos em Brumadinho, e que são impactados pela demanda de fluxo turístico gerada pelo Instituto Inhotim. Estes estabelecimentos foram escolhidos por indicação da gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba por facilidade de contato com os empresários.

Foi realizado um levantamento e uma análise da bibliografia e documentos impressos ou eletrônicos sobre Brumadinho, Hospitalidade, Turismo e Serviços. Durante o processo de elaboração desta dissertação, além dos recursos obtidos em fontes secundárias, materiais impressos, como livros, jornais e revistas, parte do material referente aos assuntos abordados na pesquisa foi levantado em publicações eletrônicas, dissertações, artigos científicos e em redes sociais como *TripAdvisor* e *Facebook*, e também durante as visitas *in loco*, onde parte do material foi obtido na Secretaria Municipal de Turismo de Brumadinho e na Biblioteca do Instituto Inhotim.

As entrevistas semiestruturadas com enfoque sobre impacto da presença do Instituto Inhotim na cidade foram realizadas de modo a compreender a visão dos envolvidos com a atividade turística no município. Elas foram divididas em duas etapas, sendo a primeira direcionada aos empresários locais e os gestores públicos, e a segunda etapa aos moradores de Brumadinho.

A primeira etapa das entrevistas contou com os gestores públicos da Secretaria Municipal de Turismo de Brumadinho, foi possível entrevistar a atual Diretora de Turismo e o Assistente Técnico; também foi entrevistada a gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, responsável por fomentar a atividade turística na região. Ainda nessa etapa, foram selecionados dez empresários locais, todos proprietários de estabelecimentos ligados ao turismo, como pousadas, restaurantes e empresas de receptivo. Esses empresários foram selecionados a partir da indicação da gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, por estarem dispostos a participar da pesquisa e fornecer as informações necessárias sobre a atividade que desenvolvem. Já na segunda etapa das entrevistas, o mesmo questionário foi aplicado aos moradores selecionados.

Foram selecionados dez moradores de Brumadinho, sem ligação direta com a atividade turística que vem sendo desenvolvida no município, justamente para compreender qual é a visão do morador como anfitrião desse processo. Esses moradores foram escolhidos de forma aleatória, em diversos setores da sociedade.

Após a realização dessas entrevistas e transcrição das falas dos entrevistados, foram realizadas as análises buscando compreender o fenômeno turístico pela perspectiva dos sujeitos envolvidos com ele.

E ao longo desse processo, esta dissertação foi elaborada e dividida em três capítulos, assim estruturados:

O Capítulo 1 apresenta os conceitos de hospitalidade, objetivando uma melhor compreensão do sistema de hospitalidade e sua relação com a prática do turismo.

O Capítulo 2 traça um breve histórico conceitual do termo museu, mostrando sua trajetória, desde o Templo das Musas na Grécia Antiga, até os dias atuais, focando no cenário brasileiro de museus. É discutida a relação entre museus e turismo, pontuando o conceito de turismo cultural, e também o papel do museu como um equipamento cultural indutor dentro do cenário do turismo cultural. Nesse capítulo também são apresentados o local e o objeto desta pesquisa, ou seja, as características formativas da cidade de Brumadinho em Minas Gerais e o Instituto Inhotim, objeto principal deste estudo.

E por fim, o Capítulo 3 exhibe os resultados das análises das observações *in loco* e entrevistas realizadas em Brumadinho - MG.

CAPÍTULO 1. A COMUNIDADE, OS VISITANTES E A HOSPITALIDADE

Este capítulo apresenta os conceitos de hospitalidade, objetivando uma melhor compreensão e sua relação com a prática do turismo. Observa-se que a discussão proposta da hospitalidade relaciona-se diretamente com a percepção de como a presença de um equipamento cultural, no caso o Instituto Inhotim, pode modificar a forma como os habitantes percebem a cidade de Brumadinho. Apresenta também o local e o objeto principal desta pesquisa, ou seja, as características formativas da cidade de Brumadinho em Minas Gerais e o Instituto Inhotim.

1.1 A relação entre comunidade e o visitante

Atualmente, estuda-se o turismo não apenas como uma atividade econômica geradora de benefícios lucrativos aos envolvidos nesse processo (MTtur, 2010), os estudos mais recentes apontam também para a discussão da hospitalidade e da experiência cultural que a atividade turística proporciona para o turista e para a comunidade receptora (IBRAM, 2013).

Barreto e Banducci (2001, p. 54) afirmam que “[...] as relações entre visitantes e visitados variam em cada caso, de acordo com uma série de circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis [...]”. Sendo assim, observa-se por meio desses estudos, que os visitantes são vistos como os antagonistas do processo, onde a comunidade local por sua vez é vitimizada.

Porém, ao se pensar em comunidade anfitriã, inicialmente imagina-se um grupo homogêneo, imutável e sem hierarquias, classes sociais, divergências político-ideológicas, de interesses, de lutas de poder e outras diferenças. “Mas as comunidades raramente são homogêneas e suas características mudam com o passar do tempo” (BARRETO; BANDUCCI, 2001, p. 55).

Para depreender a relação existente entre turistas e anfitriões, primeiro faz-se necessário a compreensão do termo comunidade, que é amplo, complexo e que abrange uma série de aspectos, como o fato de que determinados fatores comportamentais refletem na mentalidade comum da população, e que o compartilhamento desses atributos culturais é traduzido em aspectos visíveis como: linguagem, estilo de vida e gastronomia, e em aspectos ocultos como: crenças, ética e atitudes (BARRETO; BANDUCCI, 2001).

Ainda considerando essas afirmações, entende-se o termo comunidade como “[...] uma associação de pessoas que têm fins ou interesses comuns e vivem sob regras específicas [...]” (KAPELUSZ, 1994 apud BARRETO; BANDUCCI 2001, p.55).

Ao analisar a relação existente entre visitantes e visitados, percebe-se uma invenção de comunidades, tanto turísticas quanto locais. Entendendo-se por comunidade imaginada aquela que não se forma com a interação face a face dos seus membros, mas no plano das ideias ou das afinidades (BARRETO, 2001, p.55). A invenção dessas comunidades idealizadas gera padrões culturais que diferem da realidade, tornando frágil e superficial a relação entre visitante e visitado.

Esse encontro com o outro, com o diferente, desperta o surgimento de um novo olhar do visitante em direção ao visitado, ou seja, essa comunidade que o recebe, que o acolhe. Contudo, Krippendorf (2003) pontua que esse contato, na maioria das vezes, não é verdadeiro, o que resulta em sorrisos comerciais, que podem ser entendidos como uma espécie de encenação desse acolhimento.

Para Krippendorf (2003, p. 83), “existe uma tendência de esquecer que os viajantes e os autóctones encontram-se em situações completamente diferentes e mesmo opostas.” Nesse caso, entende-se que enquanto o visitante está em seu momento de lazer, a comunidade receptora inicia uma relação profissional com este visitante, onde o local de férias torna-se um local de trabalho para a comunidade. Desse modo, o autor defende que:

[...] as relações entre os turistas e os autóctones são de tal porte que as oportunidades de se estabelecer contatos humanos verdadeiros são mais fracas do que nunca. Na maioria dos casos, o encontro segue a lógica de um clichê, é artificial e enganador. Nesse caso – em que denomina a motivação da fuga e do egocentrismo, onde a invasão das massas não pode ser denominada senão pela massificação dos serviços, em que o comércio, a agitação e a remessa de divisas para o exterior reinam como senhores absolutos, em que os sentimentos de inferioridade e de superioridade podem nascer e em que as diferenças são muito grandes – é inevitável que o coração não participe e que qualquer tipo de encontro se torne impossível [...] (KRIPPENDORF, 2003, p. 83).

A cultura ocidental globalizada busca entretenimento a qualquer custo, e deste modo, é necessário que o turismo seja praticado de maneira que toque a emoção, provoque as pessoas e estimule novas formas de olhar, ver e apreciar. Neste sentido, Murta e Albano (2002, p.10) afirmam que, como uma atividade econômica, o turismo precisa “[...] encontrar formas mais respeitadas de se sentir inserido no cotidiano das comunidades receptoras. É fundamental que os investimentos sejam adequados à vocação do lugar, possibilitando a população participar e usufruir de seus resultados [...]”

A importância do envolvimento da comunidade receptora com a prática do turismo refletirá diretamente na forma como a atividade turística será trabalhada no município, porque

“[...] uma comunidade que não conhece a si mesma dificilmente poderá comunicar a importância de seu patrimônio, seja na interpretação com os visitantes, seja na sensibilização das operadoras [...]” (MURTA; ALBANO, 2002, p.11).

Deste modo, é necessária uma discussão entre os moradores da comunidade local com os empresários do setor de turismo e gestores públicos, para uma avaliação conjunta do que vem sendo desenvolvido no local, possibilitando assim uma percepção positiva da prática do turismo, e que a comunidade consiga se inserir no processo de planejamento turístico, e encontre novas formas de olhar e apreciar seu espaço.

Ao analisar a relação entre visitantes e comunidade local, Goodney (2002) afirma que em geral, a comunidade reluta em aceitar o visitante. Porém, por trás dessa resistência existe algo além dos pontos turísticos, como os atrativos naturais e culturais dos quais a prática do turismo se apropria, e no caso, existe a personalidade local, cujos costumes e hábitos da população fazem parte do patrimônio cultural daquela comunidade.

Saber interpretar esse patrimônio é fundamental para que exista uma relação mais estreita entre visitantes e visitados. Quanto a isto, Murta e Goodney (2002, p. 13) defendem que:

[...] a interpretação do patrimônio, em sua melhor versão, cumpre uma dupla função de valorização. De um lado, valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado; de outro, valoriza o próprio patrimônio, incorporando-o como atração turística.

Sendo assim, pode-se compreender que “[...] interpretar um patrimônio é o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações em realce a história e as características culturais e ambientais de um lugar” (MURTA; GOODNEY, 2002, p. 13).

De acordo com Yáziği (2002), o turismo é a “apropriação do espaço pelo homem” que vai ao destino em busca de viver uma experiência, para realizar sonhos, satisfazer suas expectativas. Ao considerar essa afirmação, Bastos (2004) afirma que a implantação da atividade turística envolve riscos, e que as trocas sociais e culturais podem desencadear rupturas, em decorrência de processos de reelaboração de conteúdos simbólicos que passam a ser atribuídos aos bens pelos empreendedores locais. Por conseguinte, a própria comunidade local perde o sentimento de pertencimento com aquele espaço, e deixa de se identificar com o lugar por não se sentir parte integrante daquele processo. Esse tipo de situação pode ocasionar

um desgaste na relação anfitrião/turista, gerando uma resistência e até um sentimento de hostilidade perante a atividade turística.

1.2 A cidade como um espaço de memória e a Hospitalidade

Segundo Castelli (2005), sempre houve um fascínio por parte dos homens em viajar. Movidos por diferentes necessidades e desejos, as viagens estão cada dia mais presentes no cotidiano das pessoas, sejam por férias, negócios, aventuras, saúde ou religião. Pode-se dizer que o ato de viajar agrega valor às pessoas, tanto do ponto de vista dos visitantes quanto dos visitados. Alinhado a este fato, Grinover (2002) reconhece que:

[...] a troca de determinados valores entre visitado e visitante proporciona uma enorme riqueza de conhecimentos, modificando sua visão de mundo e acrescentando valores inconfundíveis ao relacionamento humano. A dimensão dessas mudanças e transformações permite novas configurações sociais e culturais. A influência provocada pelas interações, que ocorrem em localidades de grande vocação turística, refere-se ao modo de vida dos moradores, à expressão lingüística, à gastronomia, aos hábitos de entretenimento. Dessa forma, a viagem, como experiência para o turista, o viajante, pode resultar num momento preciso de construção social de pessoa, de afirmação da individualidade e da socialização [...] (GRINOVER, 2002, p. 28).

Ao analisar o fenômeno das viagens, é imprescindível discutir a relação existente entre hospitalidade e comunidade receptora, na qual a hospitalidade pode ser percebida como um insumo do produto turístico de uma localidade. Daí a importância de se observar as ações que envolvem o processo de hospitalidade em uma comunidade (CASTELLI, 2005).

A tentativa de formular uma definição ou um conceito para o termo hospitalidade envolve longas discussões, justamente por se tratar de um “[...] amplo conjunto de estruturas, serviços e atitudes [...]” (CASTELLI, 2005, p. 143). Mas o que vem a ser hospitalidade?

Ao buscar uma definição para hospitalidade, reconhece-se que o acolhimento é inerente ao ato de receber as pessoas, de modo que:

[...] o acolhimento é um ato voluntário que introduz um recém-chegado, ou um estranho, em uma comunidade ou em um território, que o transforma em integrante desta comunidade ou em habitante legítimo deste território e que, a esse título, o autoriza a beneficiar-se de todas, ou parte, das prerrogativas que se relacionam com o seu novo *status*, provisório ou definitivo (GOUIRAND, 1994 apud CASTELLI, 2005, p. 145).

Para Grinover (2002), o estudo da hospitalidade requer uma ampla e complexa análise do contexto sociocultural, a partir do momento em que se criam relações já estabelecidas, em que a noção de hospitalidade pode ser empregada em diferentes situações.

É necessário observar que, tradicionalmente, a ideia de hospitalidade é associada à indústria da hospitalidade, sendo compreendida como um produto, ou seja, algo tangível, mas ora caracterizada como serviço, nesse caso adotando uma forma intangível. É possível identificar o termo hospitalidade associado à questão da interação entre a comunidade local e os turistas que nela se movimentam, de forma em que se compreende a hospitalidade como:

[...] o ato de acolher e prestar serviços a alguém, que por qualquer motivo esteja fora de seu local de domicílio. A hospitalidade é uma relação especializada entre dois protagonistas, aquele que recebe e aquele que é recebido [...]. Mas também é possível ampliar a noção de hospitalidade, englobando a relação que se estabelece entre o espaço físico da cidade e seus habitantes, pois ela abrange não somente a acomodação, mas também a alimentação, o conforto e o acolhimento, proporcionando ao visitante a sensação de bem-estar [...] (GRINOVER, 2002, p.26).

Observa-se então, que a hospitalidade possui uma ligação direta com o ato de receber, e nesse aspecto, Cruz (2002, p.43) defende que o turismo:

[...] envolve o deslocamento de pessoas e sua permanência temporária em locais que não são o de sua residência habitual, há uma intrínseca relação entre turismo e hospitalidade. Todo turista está sendo, de alguma forma, recebido nos lugares. O que diferencia a experiência entre um e outro turista no que se refere à hospitalidade é a forma como se dá o seu acolhimento no destino.

“Desde o início de sua história, a hospitalidade implica não somente a oposição entre exterior/interior, inserção/exclusão [...]” (GRASSI, in MONTANDON, 2011, p.46). Segundo Camargo (2004, p.30), “[...] a hospitalidade surge não de alguém que convida, mas de pessoas que necessitam de abrigo e de calor humano ao receber o estranho [...]”. Ao pensar no termo hospitalidade, a questão do acolhimento inevitavelmente é evidenciada, pois de acordo com Grinover (2006), a hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade, é uma lei universal.

Acolher é permitir sob certas condições a inclusão do outro no próprio espaço. O próprio patrimônio cultural pode ser observado como um importante vetor de identificação do cidadão, com o seu espaço urbano de vivência cotidiana. Desse modo, é necessário um entendimento de que:

[...] a hospitalidade se apresenta como uma ponte frágil e perigosa estabelecida entre dois mundos: o exterior e o interior, o fora e o dentro [...], seu desafio é a ultrapassagem, a abolição dos espaços, a penetração dos territórios, a admissão (GRASSI, in MONTANDON, 2011, p. 45).

Para que uma cidade seja considerada hospitaleira, é importante analisar questões que ultrapassam os limites da boa educação ou mesmo o simples prazer em receber, assim como as questões de acessibilidade. Segundo afirma Godbout (1997, p.41), “[...] a hospitalidade não consiste em dar espaço a outro, mas em receber o outro em seu espaço”. Desse modo, faz-se necessário refletir sobre o sentido do termo hospitalidade, pois a palavra hospitalidade é ambígua (CAMARGO, 2004), e pode ser analisada por diversos aspectos.

Para uma melhor compreensão do termo hospitalidade, Camargo (2004, p. 15-16), propõe que é possível delimitar dois eixos norteadores, sendo um eixo cultural, que considera toda a abrangência dotada pela noção de hospitalidade e o segundo seria um eixo social, que envolve as relações sociais e as questões dos espaços físico-ambientais.

Ao analisar esses eixos, observa-se que no eixo cultural, consideram-se relevantes as questões do *recepcionar/receber*: visto como uma das mais importantes representações da hospitalidade por meio do ato de acolher pessoas que batem à porta.

Antes de se tornar um ato social, esse é um ritual da vida privada; *hospedar*: ultrapassa o ato de proporcionar pousada ou abrigo aos visitantes, nesse caso também envolve o calor humano, o afeto sob a forma de oferta de um teto; *alimentar*: para algumas culturas, o ato de ofertar um alimento a quem chega é caracterizado como um gesto de hospitalidade e *entretêr*: muitas vezes, a definição de hospitalidade limita-se ao hospedar e alimentar, porém, proporcionar momentos agradáveis ao visitante faz parte desse processo e não deve ser desconsiderado.

Enquanto no eixo social a hospitalidade é compreendida como instância social, de modo que a hospitalidade é assim distinguida:

Doméstica: onde o ato de receber acontece em casa, de modo que, envolve maior complexidade do ponto de vista de ritos e significados.

Pública: a hospitalidade que acontece em decorrência do ir e vir, e em consequência de atingir suas expectativas de interação humana.

Comercial: quando a hospitalidade acontece dentro das modernas estruturas comerciais criadas em função do turismo moderno.

Virtual: é associada espacialmente as três instâncias anteriores, porém já se vislumbram características específicas, sendo que o emissor e receptor de mensagem são respectivamente anfitrião e visitante.

Considerando esses eixos e as questões que os envolvem, a hospitalidade “[...] pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *hábitat* [...]” (CAMARGO, 2004, p.19).

Ao pensar em uma cidade como destino turístico, além dos seus espaços públicos e recursos naturais e culturais disponíveis para a prática do turismo, faz-se necessário uma reflexão sobre os atores envolvidos neste processo turístico, ou seja, a comunidade local e a identidade cultural estabelecida no cotidiano desta comunidade (DECKER, 2009).

Para Decker (2009, p. 68), os aspectos que caracterizam a tipicidade do produto turístico, correspondem à herança cultural da localidade, como uma embalagem que envolve os demais recursos do destino, garantindo uma identidade ao local, o que não se observa em alguns destinos considerados como não-lugares, em que o turismo é tratado como uma mercadoria para ser consumida pelo visitante, onde todas as manifestações são transformadas em espetáculos, desprovidos de naturalidade.

Gotman (2001, apud BENI, 2012, p. 420) ressalta que, “[...] a hospitalidade é um processo de agregação do outro à comunidade, e a inospitalidade é o processo inverso [...]”. De acordo com Camargo (2004), quando um turista chega a uma determinada localidade, antes mesmo de chegar a seu destino final, que pode ser um atrativo turístico específico ou uma pousada, um hotel ou até a casa de um amigo, o primeiro contato que ele terá nessa localidade será a forma como a cidade o receberá, ou seja, a cidade como um local de abrigo, onde ele se sentirá acolhido.

Essa questão da hospitalidade é compreendida por Grinover (2006) como uma relação espacial entre dois atores: aquele que recebe e aquele que é recebido. Pode-se dizer que a utilização do espaço urbano como parte da construção de sua memória é um recurso adotado pelo ser humano, que no decorrer de sua vida desenvolve um sentimento de pertence àquele espaço, onde através das relações do cotidiano foram estabelecidos seus vínculos pessoais.

Figueiredo (2007, p. 130) cita a seguinte relação entre espaço urbano e o sentimento de pertencimento:

[...] cada um de nós cresceu em uma cidade ou próximo de uma cidade. Atravessou ruas, passou por avenidas, realizou trajetos até a escola, a venda, o supermercado. Passeou e brincou em praças

públicas, ouviu a banda no coreto ou soltou pipa no descampado. Acompanhou o movimento das estradas, o barulho do trem, o movimento dos ônibus. Ao nos depararmos com mudanças drásticas nos marcos que constituíram suportes materiais da nossa memória urbana, perdemos um pouco das nossas referências espaciais. É a sensação de retornar ao local da infância, da adolescência e não se reconhecer mais; ou buscar as referências assinaladas nas nossas lembranças e ir aos encontros/desencontros dos locais dessas lembranças: o bairro reconstruído, as ruas alteradas, as avenidas alargadas, as casas demolidas.

O que Halbwachs (2006, p.30) corrobora ao dizer que “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos [...]”.

É possível, portanto, compreender que por meio das atividades turísticas, o discurso que atribui significado social ao patrimônio cultural não apenas fomenta o sentimento de pertencimento, mas também assume a função de atrativo turístico, no que o patrimônio é inserido na dinâmica de uma atividade com fins econômicos, embora não se possa resumir o turismo como puramente econômico. A utilização destes elementos pelo turismo evidencia como a dimensão da hospitalidade e as necessidades humanas estão intrínsecas na dinâmica do turismo (FIGUEIREDO, 2005, p. 45).

Compreendendo-se esses parâmetros teóricos iniciais, apresentam-se a seguir o local e o objeto desta pesquisa, ou seja, as características formativas da cidade de Brumadinho em Minas Gerais e o Instituto Inhotim, objeto principal desse estudo.

1.3 Brumadinho e o Instituto Inhotim

A cidade de Brumadinho está localizada no estado de Minas Gerais, situada na Zona Metropolitana de Belo Horizonte a 60 km da capital, e conta com uma população estimada em 35 mil habitantes, segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2010. Brumadinho é o quarto maior município em extensão territorial do Estado, com uma área de 642,03 km².

O município encontra-se dividido territorialmente em cinco distritos: Brumadinho (Sede), Piedade do Paraopeba, São José do Paraopeba, Aranha e Conceição do Itaguá.

A população rural está distribuída em distritos e povoados, incluindo seis comunidades quilombolas, sendo quatro delas já reconhecidas pela Fundação Palmares¹ (SENA; LOPES; OLIVEIRA, 2011). A figura 1 a seguir, apresenta o mapa de Brumadinho e municípios limítrofes.

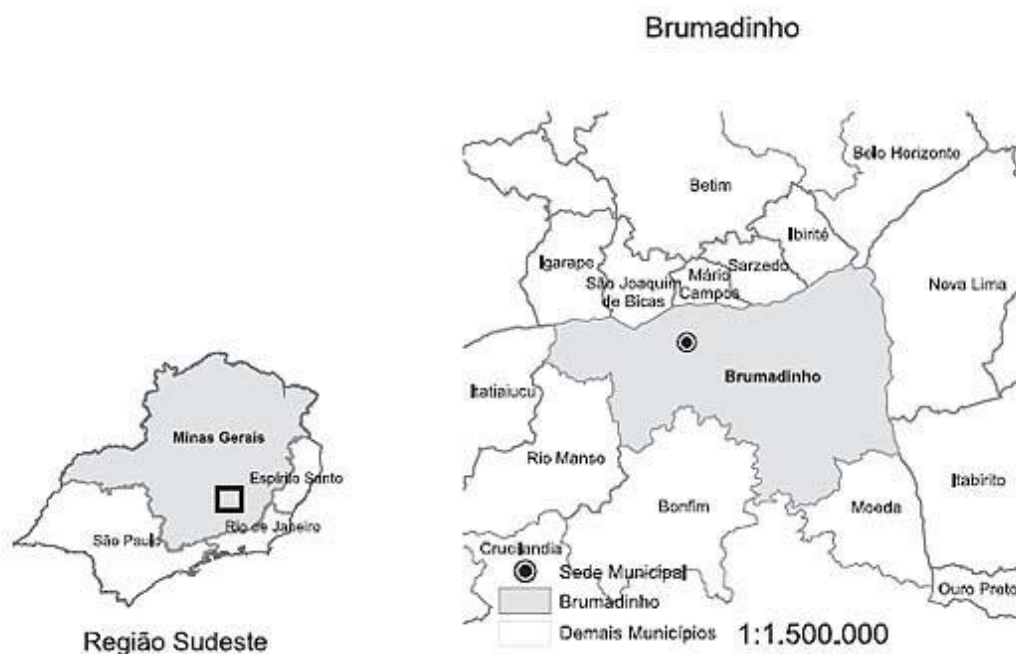


Figura 1. Mapa de Brumadinho e municípios limítrofes

Fonte: IVT – Instituto Virtual do Turismo. Disponível em: < <http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10538&cat=SUDESTE%20.%20Minas%20Gerais&ws=0> > . Acesso em: Nov, 2013.

O município de Brumadinho recebeu esse nome por estar próximo da antiga vila de Brumado Velho, que foi assim denominada pelos Bandeirantes, no século XVII, por causa da concentração de brumas (nevoeiro) em toda sua região montanhosa.

De acordo com os registros da Prefeitura de Brumadinho (2014), a colonização dessa região teve início quando os insubmissos da Guerra dos Emboabas, ainda no século XVII, fugindo da repressão, dirigiram-se para a área a fim de garimpar ouro, livres dos elevados tributos da Coroa.

¹ Fundação Cultural Palmares, órgão federal vinculado ao Ministério da Cultura criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. A Fundação reconhece quatro comunidades remanescentes de quilombo no município de Brumadinho: Comunidade de Sapé, cf. Livro 005, registro nº422, folha 30; Portaria nº 44, de 30 de novembro de 2005, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 06/12/2005. Comunidades de Marinhos e Rodrigues, registradas no Livro de Cadastro Geral n.º 012, Registro nº 1.364 f. 179; Portaria nº 135, de 27 de outubro de 2010, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 04/11/2010. Comunidade de Ribeirão, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 012, Registro n. 1.363 f. 178; Portaria nº135, de 27 de outubro de 2010, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 04/11/2010.

Em consequência das Bandeiras Organizadas para desbravar o território, vários territórios foram fundados na Região do Vale do Paraopeba e Vale do Rio das Velhas. Essas localidades constituíam-se, inicialmente, de núcleos de abastecimento para as bandeiras, consolidando-se como pouso de tropeiros, e o local de levantamento de mantimentos. Neste contexto, formaram-se as localidades de São José do Paraopeba, Piedade do Paraopeba e Brumado do Paraopeba (atual distrito de Conceição do Itaguá), que fazem parte da primeira fase da história de ocupação do território de Minas Gerais. Aos poucos, essas localidades de ponto de abastecimento de viveres, passaram a pequenos arraiais de mineradoras.

O povoado de Brumadinho nasceu e se desenvolveu em consequência do estabelecimento da Estação Ferroviária, em 20 de junho de 1917. Desde a época da decadência da mineração do ouro, entre os anos de 1822-1825, Minas Gerais passou por um período de estagnação econômica, concentrando-se na lavoura de subsistência e na criação de gado. Já no final do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento da cultura cafeeira e a possibilidade de se extrair e exportar o minério de ferro, o aparecimento da ferrovia mostrou-se não só como uma necessidade, mas também como uma saída para o desenvolvimento na região (PREFEITURA DE BRUMADINHO, 2014).

A economia do município gira em torno da mineração, agropecuária, e nos últimos anos do turismo. Porém, desde 2006, quando foi aberto ao público o Museu de Arte Contemporânea de Inhotim, este se tornou o principal atrativo turístico da cidade, integrando o município nas rotas do turismo cultural de Minas Gerais, o que projetou Brumadinho no cenário turístico internacional.

De acordo com os relatos da entrevista do morador Valdir de Castro Oliveira, ex-morador da comunidade do Inhotim, onde hoje é o Instituto Inhotim, concedida à autora desta dissertação, *in loco*, em 11 de julho de 2015, foi possível compreender de que forma se deu o crescimento do município de Brumadinho até os dias atuais, e também como foi o processo de ocupação do museu, como descrito a seguir.

Brumadinho é um município que desde que nasceu tem sua base fíncada na mineração, aliás, todo o seu desenvolvimento como município se deu através da ferrovia e da mineração. Acompanhando o *boom* de crescimento do país, no decorrer e principalmente após a ditadura militar, Brumadinho também começou a crescer, e em 1978 foi criado no município o primeiro condomínio horizontal da América do Sul, chamado Retiro das Pedras, e a partir desse condomínio houve uma expansão imobiliária no município, principalmente na região serrana de Casa Branca, na Serra da Moeda.

Com essa expansão imobiliária, e também com o crescimento de Belo Horizonte, em Brumadinho começou a ganhar seus habitantes, ocasionando um crescimento imobiliário também na Sede do município e nos arredores. Até 1950, a cidade de Brumadinho tinha mil habitantes, a maioria deles analfabetos, e depois de 1970-1980, essa expansão imobiliária começou a alterar também a base econômica do município. As mineradoras deixaram aos poucos de serem as protagonistas da economia brumadinhense, com a expansão veio a necessidade de novos serviços e novas formas de arrecadação de impostos e a municipalidade passou a ser um ente mais presente na vida de Brumadinho.

Até 1990 essas mudanças reconfiguraram tanto o poder político do município, quanto as perspectivas econômicas. “A partir desse momento, as elites políticas do município já não tinham mais o pensamento de que para se desenvolver bastaria trazer indústrias para Brumadinho, e que esse desenvolvimento seria só da mineração. Então começam a se projetar novas perspectivas de desenvolvimento, na perspectiva de trazer indústrias, porque essa ainda era uma perspectiva muito forte. As pessoas queriam o desenvolvimento do município, porque sabiam de certa maneira que o minério um dia acabaria.” (Trecho extraído da entrevista com ex-morador da comunidade do Inhotim, Valdir de Castro Oliveira, em julho de 2015).

A partir daí, Brumadinho se tornou um município maior, e já se começava a pensar nas possibilidades do turismo, contudo era um pensamento ainda embrionário, pois o movimento para o turismo como fonte de renda, fator de emprego, mundialmente já tinha ganhado grandes projeções em muitos lugares, mas no município de Brumadinho começava-se a vislumbrar essa ideia do turismo como uma das possibilidades de geração de renda. De certa maneira, o município estava estagnado do ponto de vista econômico, então essa era uma ideia muito bem vinda.

O Museu de Arte Contemporânea de Inhotim foi construído em uma área que pertencia à extinta empresa de mineração Companhia de Mineração Minas do Paraopeba (MIPASA), que explorava minério de ferro. Na década de 1980, a MIPASA e todo o seu patrimônio foram comprados pela empresa Itaminas S.A., do empresário Bernardo de Mello Paz, que na época era um colecionador de obras de arte moderna. Porém, após vender sua coleção de arte moderna, o empresário decidiu criar um espaço voltado para a preservação, exibição e produção de obras de arte contemporânea, e idealizou o Museu de Arte Contemporânea de Inhotim, atualmente denominado Instituto Inhotim (FARIA, 2012).

Ainda nos anos 1980, o idealizador e fundador do Instituto Inhotim, recebeu em sua casa a visita do paisagista e amigo Roberto Burle Marx, que colaborou com sugestões para a

criação dos jardins do museu, que com o passar dos anos foram sofrendo diversas modificações, deixando de ser um jardim privado e passando a ser um acervo botânico de acesso e utilidade público (SENA; LOPES; OLIVEIRA, 2011).

Em 2002, foi criada a Fundação do Instituto Cultural Inhotim, instituição sem fins lucrativos, destinada à conservação, exposição e produção de trabalhos contemporâneos de arte, e que desenvolve ações socioeducativas.

A partir de 2006, o museu é aberto ao público para visitação e no ano de 2008 é reconhecido como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Governo de Minas Gerais.



Figura 2. Instituto Inhotim, 2014

Fonte: O autor

O Instituto Inhotim abriga um complexo museológico com uma série de pavilhões e galerias com obras de arte e esculturas expostas ao ar livre. Devido a uma série de contextos específicos, Inhotim se diferencia daquele modelo tradicional dos museus urbanos, pois desenvolve uma relação espacial entre arte e natureza, possibilitando que o espectador percorra todo o Jardim Botânico que integra o espaço do museu, estabelecendo uma vivência ativa com esse espaço (INHOTIM, 2014).



Figura 3. Instituto Inhotim, 2014

Fonte: O autor

Oliveira (2012) conta que a comunidade do Inhotim situava-se na zona rural do distrito de Conceição de Itaguá, município de Brumadinho-MG. A comunidade podia ser considerada como uma espécie de bairro rural e ficava a 3 km de distância da sede do município; possuía uma área de aproximadamente 2 km², por um lado cercada de montanhas, de onde se extraía o minério de ferro, pela Mineradora Ferrous, para exportação e que serviu como fonte de emprego para muitos ex-moradores do Inhotim e, por outro lado, pelo Rio Paraopeba e linha férrea (antiga Central do Brasil, RFFSA e hoje MRS). O acesso à comunidade se fazia por trem, estradas de terra ou por antigas trilhas de tropas de burro.

A principal via de acesso, que era de estrada de terra, foi asfaltada em 2010 para favorecer o acesso dos visitantes ao Museu de Arte Contemporânea de Inhotim em feriados e fins de semana. Inicialmente, o museu foi instalado na sede de uma antiga fazenda cercada, tanto pelo sopé de uma montanha como pela comunidade do Inhotim, que se dividia em pequenas propriedades que foram, gradativamente, compradas pelo primeiro para garantir a sua expansão na área, processo este que se acelerou a partir de 2005 até culminar com a saída dos seus últimos moradores em 2009. A comunidade, fundada por volta de 1870, tinha em 1998, cerca de 70 casas e 300 moradores, contagem feita por alguns ex-moradores a pedido da Prefeitura local (OLIVEIRA, 2012).

CAPÍTULO 2. MUSEUS E SOCIEDADE

Nesse capítulo apresenta-se a caracterização de Museu mostrando sua trajetória desde o Templo das Musas na Grécia Antiga, até os dias atuais, focando no cenário brasileiro de museus. Discute a relação entre museus e turismo, pontuando o conceito de turismo cultural, e também o papel do museu como um equipamento cultural indutor dentro do cenário do turismo cultural.

2.1 Caracterização dos Museus

Na contemporaneidade são observadas discussões sobre o verdadeiro papel e significado cultural dos museus, como também o cumprimento de suas funções para apresentar ao público suas coleções e exposições. Essas discussões remetem à transformação da noção original do museu de um simples “gabinete de curiosidades”, comum até a primeira metade do século XIX, para sua atual e mais significativa função, ou seja, ser um equipamento cultural pertencente ao sistema de turismo (VASCONCELLOS, 2006, p. 31).

No entanto, definir o que é museu não é uma tarefa tão simples, pois é preciso compreender que os museus prestam um serviço à sociedade e não se limitam apenas às exposições. Deste modo, vale ressaltar que além de lidar com diversas coleções, os museus lidam constantemente com informações, e essas devem estar à disposição dos visitantes e da comunidade que o abriga. Assim, foi estabelecido pelo Estatuto do Conselho Internacional de Museus (ICOM), que a definição profissional mais compatível com suas funções atuais é:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2007).

Ao longo dos séculos, a designação do termo museu como instituição modificou-se e adaptou-se de acordo com as necessidades de cada momento de seu percurso histórico, de modo que houve uma diversificação de conteúdo, público, proposta, etc.

Para que o termo museu seja discutido e compreendido de forma mais ampla, no primeiro momento faz-se necessário retomar a origem do termo em si e de outros conceitos relevantes para a formulação de sua conceituação.

O termo museu tem origem grega, *mouseion*, que significa templo das musas, onde na Antiguidade Clássica era um local dedicado ao saber e ao deleite da filosofia. Segundo a mitologia grega, as musas eram as nove filhas de Zeus, o deus supremo, com *Mnemosine*, a deusa da Memória. De acordo com a mitologia grega, as musas tinham grande criatividade e boa memória, além de serem dançarinas, poetisas narradoras, características essas que ajudavam os homens a se esquecer de seus problemas do cotidiano. Apesar disso, as obras de arte expostas no *mouseion* tinham o objetivo de agradar muito mais as divindades do que estarem acessíveis a qualquer outro visitante, no caso os homens (VASCONCELLOS, 2006).

Dentre os mais importantes templos das musas, o Museu de Alexandria destaca-se não apenas por sua coleção de objetos, mas por sua biblioteca que possuía um acervo riquíssimo sob os cuidados de sábios da comunidade (POMIAN, 1984).

De acordo com Coelho (1997), no século III a.C, o Egito designava a palavra *mouseion* como um local de discussão e ensino de todo o saber existente daquela época. Relatos históricos narram que o *mouseion* de Alexandria abrigava diversos tipos de objetos e relíquias, como esculturas, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, pedras e minérios de terras distantes conquistados em explorações. Já em Roma o termo *museum* era utilizado apenas como local de discussão filosófica.

Ao analisar as semelhanças entre os templos dos Gregos, Romanos e os museus atuais, percebe-se a relação do objeto com a perda de sua utilidade, na qual ele é considerado algo intocável. De acordo com Pomian (in LE GOFF, 1984, p. 56), “[...] o objeto oferecido ao deus e recebido por ele segundo os ritos torna-se *hieron* ou *racrum*, e participa da majestade e da inviolabilidade dos deuses. Subtraí-lo, deslocá-lo ou desviá-lo do seu uso ou apenas tocá-lo são atos de sacrilégio”.

Desse modo, a partir do momento em que os objetos integram um recinto sagrado, eles perdem suas funções utilitárias, exercendo apenas a função de serem expostos ao olhar, seja nas edificações sagradas como parte decorativa, ou nos espaços construídos exclusivamente para receber as oferendas (POMIAN in LE GOFF, 1984).

Para compreender a evolução histórica do termo museu da forma como é abordado atualmente, é preciso conhecer seus antecessores, que nesse caso, foram os gabinetes de curiosidades ou câmaras de curiosidades, locais estes utilizados para abrigar coleções de objetos raros ou até mesmo estranhos, obras de arte e também instrumentos variados tecnicamente avançados para a época.

Na Idade Média, a Igreja era a principal detentora de obras de arte e objetos variados, porém, a partir do século XVII, os chamados “gabinetes de curiosidades”, começaram a ganhar espaço por toda a Europa, com o crescimento das coleções particulares.

No entanto, durante os séculos XVIII e XIX, estes foram substituídos por instituições oficiais, os museus, e os objetos considerados mais interessantes foram transferidos para museus de artes e de história natural que começaram a ser fundados nessa época (COELHO, 1997).



Figura 4. O gabinete de história natural de Ferrante Imperato, em Nápoles (1672). A gravura demonstra um dos exemplos de colecionismo no final do período renascentista

Fonte: Bibliothèque Estense, Modène.

Pomian (in LE GOFF, 1984, p. 53) aponta alguns traços característicos no que se refere às coleções particulares, afirmando existir uma diferença entre coleções particulares e museus, e assim define coleção:

[...] um conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público. É evidente que esta definição tem um caráter rigorosamente descritivo, e é também evidente que as condições que um conjunto de objetos deve satisfazer para que seja possível considerá-lo uma coleção excluem, por um lado, todas as exposições que são apenas momentos do processo da circulação ou da produção dos bens materiais, e, por outro, todas as acumulações de objetos formadas por acaso e também aqueles que não estão expostos ao olhar (como os tesouros escondidos),

qualquer que seja o seu caráter. Vice-versa, estas condições são satisfeitas não só pelos museus e pelas coleções particulares, mas também pela maior parte das bibliotecas e dos arquivos.

No decorrer da análise de Pomian, as características que distinguem as coleções particulares dos museus ficam evidenciadas a partir de aspectos específicos, como, o fato da permanência do museu, de modo que:

[...] contrariamente à coleção particular que, na maior parte dos casos, se dispersa depois da morte daquele que a tinha formado e sofre as repercussões das flutuações de sua fortuna, o museu sobrevive aos seus fundadores e tem, pelo menos em teoria, uma existência tranqüila. Seja qual for o seu estatuto legal, o museu é, com efeito, uma instituição pública; um museu privado não é mais do que uma coleção particular que ostenta um nome que o assimila a uma instituição muito diferente (POMIAN in LE GOFF, 1984, p. 82).

Portanto, nesse contexto das coleções, considera-se que a relação entre objetos e museus vai além do fator de salvaguardar esses objetos, segundo Desvallés e Mairesse (2013, p.57):

[...] um objeto de museu não é somente um objeto em um museu. Por meio da mudança de contexto e do processo de seleção [...]. Seja este um objeto de culto, um objeto utilitário ou de deleite, animal ou vegetal, ou mesmo algo que não seja claramente concebido como objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica.

A partir dessa citação, ressalta-se o traço do caráter público do museu, que se opõe às condições restritas de visitação das coleções particulares, no momento em que o museu torna-se um lugar aberto ao público (ABREU, 2005).

Dentre as características apontadas por Pomian, em sua análise destaca-se a função do museu em opor o visível ao invisível, como algo que o difere das coleções particulares. Essa função consiste em:

[...] criar um consenso sobre o modo de opor o visível ao invisível que tinha começado a delinear-se no final do século XIV, nas novas hierarquias sociais, justificando a posição privilegiada no seio destas pela relação privilegiada que se mantém com o novo invisível. Por outras palavras: os museus substituem as igrejas enquanto locais onde todos os membros de uma sociedade podem comunicar na celebração de um mesmo culto. Em consequência, o seu número aumenta nos séculos XIX e XX, à medida que

crece a desafeição das populações, sobretudo urbanas, pela religião tradicional (POMIAN in LE GOFF, 1984, p. 84).

Nessa discussão, pode-se observar que a partir da criação dos museus, diversas hierarquias sociais tiveram acesso aos vestígios de um passado até então desconhecido, o que possibilitou a integração dessa sociedade a um novo contexto sob uma nova perspectiva.

De modo mais amplo, para Desvallés e Mairesse (2013, p. 65), “[...] o museu pode ser apreendido como um lugar de memória, um fenômeno, englobando as instituições, os lugares diversos ou os territórios, as experiências, ou mesmo os espaços imateriais”.

Atualmente, percebe-se uma renovação constante do termo museu, bem como do seu campo de atuação e principalmente de suas funções perante a sociedade. De acordo com Faria (2012), ao analisar a evolução histórica dos museus em paralelo com as transformações nos hábitos e costumes da sociedade, observa-se uma mudança significativa na inserção dos museus culturais na sociedade pós-moderna², onde os museus passaram de um equipamento que possuía uma coleção de objetos de arte, cuja função era basicamente a preservação e apresentação ao público, que recebia essas informações de forma contemplativa, para uma situação de interação. Ao mencionar a importância do fenômeno da pós-modernidade na mudança de comportamento da sociedade, é necessário compreender que:

[...] O pós-modernismo em seu conjunto de manifestações culturais, sociais e artísticas está integrado à vida cotidiana. Pode-se começar afirmando que o pós-modernismo é uma ruptura com alguns valores da modernidade. Ao invés da unidade e da totalidade, há uma aceitação da fragmentação, da descontinuidade, do pluralismo, da autenticidade de outras vozes e de outros mundos (FARIA, 2012, p. 113).

A reflexão acerca do fenômeno pós-moderno e os novos hábitos de consumo da sociedade tornam-se parte fundamental nesse estudo para auxiliar a compreensão das mudanças sociais e comportamentais a partir dos anos 1960, quando a utilização do tempo livre para a prática do turismo ganhou espaço, assim como houve um aumento da criação de equipamentos culturais e o interesse por parte da sociedade em conhecê-los (FARIA, 2012).

A partir dos novos hábitos de consumo, a sociedade passa a ter uma nova relação com os objetos, de modo que:

² Segundo Coelho (1997, p. 310), [...] na pós-modernidade, a instituição continua existindo, mas os indivíduos procuram nelas os nichos em que podem abrigar-se em vez de tentar demoli-las; a recusa em ver a relação entre natureza e cultura, entre natureza e humanidade, como polos de uma oposição (que de imediato exige a dominação de uma pela outra) e a aceitação de ambas como componentes de um processo dinâmico de equilíbrio (a naturalização da cultura).

Se antes o “objeto-símbolo tradicional” – utensílios, móveis ou casa – trazia consigo uma história, servindo como mediador de uma relação vivida, agora, o “objeto de consumo”, por seu lado, é um signo que apenas tem sentido em uma relação abstrata com outros objetos signos, não mais tirando seu significado da relação concreta entre pessoas. Nesse sentido, eles formam um código que sujeita toda uma sociedade empenhada em consumir e não mais em acumular, como outrora [...] (SANTOS, 2011, p.127).

Ao considerar-se a análise de Faria (2012) sobre a influência do fenômeno pós-moderno no segmento de museus, de certo modo, hoje já é possível identificar o público dos museus como consumidores, e em decorrência disso, percebe-se a existência de uma busca em satisfazer seu consumidor. Para este fim, são consideradas novas perspectivas, nas quais a arte em si é vista como um fator de experimentação, e também a importância de viver o momento presente ganha espaço nesse novo panorama, possibilitando que os museus misturem temas como arte e conhecimento, entretenimento, meio ambiente, entre outros.

Considerando essas perspectivas, Santos (2004, p. 63) afirma:

Os museus hoje são instrumentos que educam a partir da interação do visitante com o meio ambiente e por intermédio da utilização de instrumentos dinâmicos e plurais. Enfatizam-se o potencial multidimensional da visita e os processos afetivos e sensorio-motores, evitando-se disposições lineares, factuais e hierarquizadas. Além disso, faz parte de práticas desenvolvidas nos museus a observação constante da resposta do visitante aos estímulos apresentados.

Entende-se que o conceito de museu passa por um processo de construção contínuo, de forma que sua análise permite não apenas compreender o seu significado e suas funções, mas também possibilita identificar outras interfaces que podem ser trabalhadas em conjunto como o lazer e o turismo. Sendo assim, “[...] a aproximação dos segmentos de museus e de turismo é tarefa complexa, que exige que os profissionais das diferentes áreas se empenhem em conhecer os signos, os conceitos, as práticas e as especificidades que conformam a dinâmica de cada um dos setores” (SANTOS, 2013, p. 11).

No Brasil, o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2006), a pedido do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em parceria com o Ministério da Cultura (MinC), estabeleceu que museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e, que apresenta as seguintes características:

I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana; VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural sejam eles físicos ou virtuais. (Cadastro Nacional de Museus – Sistema Brasileiro de Museus, IBRAM/MINC, 2006).

O IBRAM compreende o museu, antes de tudo, como um lócus de encontros. Encontros do cidadão com sua arte, sua história, suas identidades. Encontros produtores de fruição e deleite, e também de questionamento e de transformação.

De acordo com o Art. 1º do Estatuto de Museus (Lei nº 11.904, de 14/01/2009):

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Visto que a definição do termo museu adaptou-se de acordo com o passar dos séculos e as mudanças da sociedade, observa-se que além da diversificação da temática dos museus e dos objetos em exposição, houve um crescimento significativo na criação de instituições culturais no Brasil (FARIA, 2012).

Para Poulot (2013, p. 103) “o número atual de museus é praticamente impossível de determinar – seja por país seja na escala mundial [...]”. Muitas instituições ainda não são reconhecidas oficialmente pelo ICOM, o que dificulta esse cálculo (Poulot, 2013). De acordo com dados divulgados pelo IBRAM, em setembro de 2010, havia no Brasil, 3.025 museus mapeados no Cadastro Nacional de Museus e 1500 cadastrados. Hoje, o país registra cinco vezes mais museus do que havia na década de 1960, e duas vezes mais que no início da década de 1990, conforme apresentado na figura 4 a seguir.

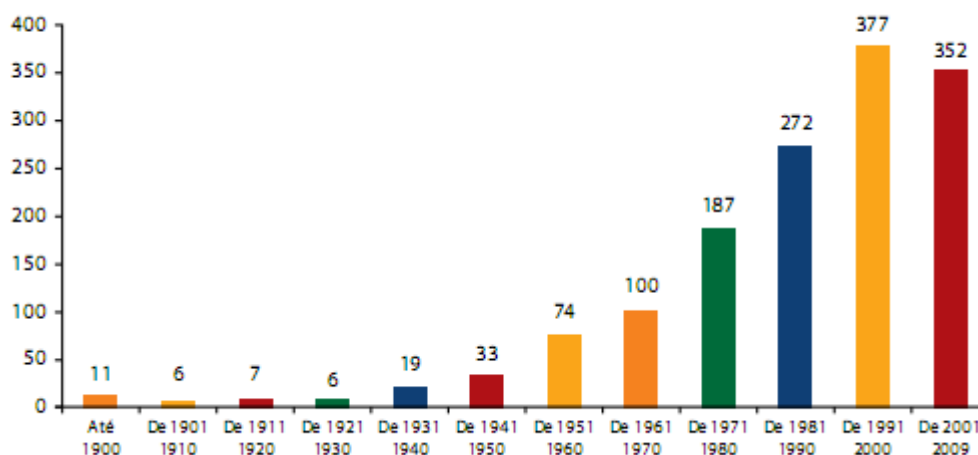


Figura 5. Número de Museus por ano de fundação, Brasil, 2010

Fonte: Cadastro Nacional de Museus - Ibram/MinC, 2010

Ao analisar o gráfico da evolução da criação de museus no Brasil, observa-se que a partir da década de 1950 há um crescimento significativo da abertura/fundação de museus no país, e segundo Bueno (2005, p. 381), isso ocorreu porque o Brasil dos anos 1950 passava por um processo de mudanças, saindo do nacionalismo de Getúlio Vargas indo em direção ao desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, passando pela implantação definitiva de uma sociedade urbana modernizada. E a partir dessa nova atmosfera, desponta uma geração com uma nova sensibilidade estética e com novos hábitos de consumo, onde a arte passa a fazer parte desse consumo.

Nesse universo formou-se a primeira estrutura de mercado de arte no país, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, tendo como carro-chefe a arte moderna. Diferente dos norte-americanos, não havia entre nós galerias, instituições artísticas e, tampouco, um contingente de colecionadores de arte internacional. Foi apenas em 1947, através do Museu de Arte de São Paulo, o MASP, que tivemos a primeira coleção institucional importante de arte européia no País. Por outro lado, a base do mercado de arte em São Paulo e no Rio de Janeiro foi o comércio de arte moderna e contemporânea brasileira, revelando aproximações com a estrutura do comércio de vanguarda americana em Nova Iorque, no mesmo período. No Brasil, o mercado de arte que se desenvolveu a partir do Pós-Guerra, apresenta singularidades que explicam a sua conformação nos anos 50 e 60, assim como muitos dos entraves que assinalam a evolução da arte contemporânea brasileira até nossos dias (BUENO, 2005, p. 381-382).

Entre as décadas de 1980 a 2000, observou-se um crescimento significativo no surgimento de instituições culturais no cenário brasileiro. Foram inauguradas cerca de 1.057 instituições culturais, entre museus, casas e espaços de cultura e oficinas culturais, sendo

deste total 63 localizados na região Norte do país; 192 no Nordeste; 78 no Centro-Oeste; 420 no Sudeste e 304 na região Sul (FARIA, 2012).

A figura 5 ilustra esses números e mostra que durante os anos de 1990, o maior crescimento se deu no Sudeste:

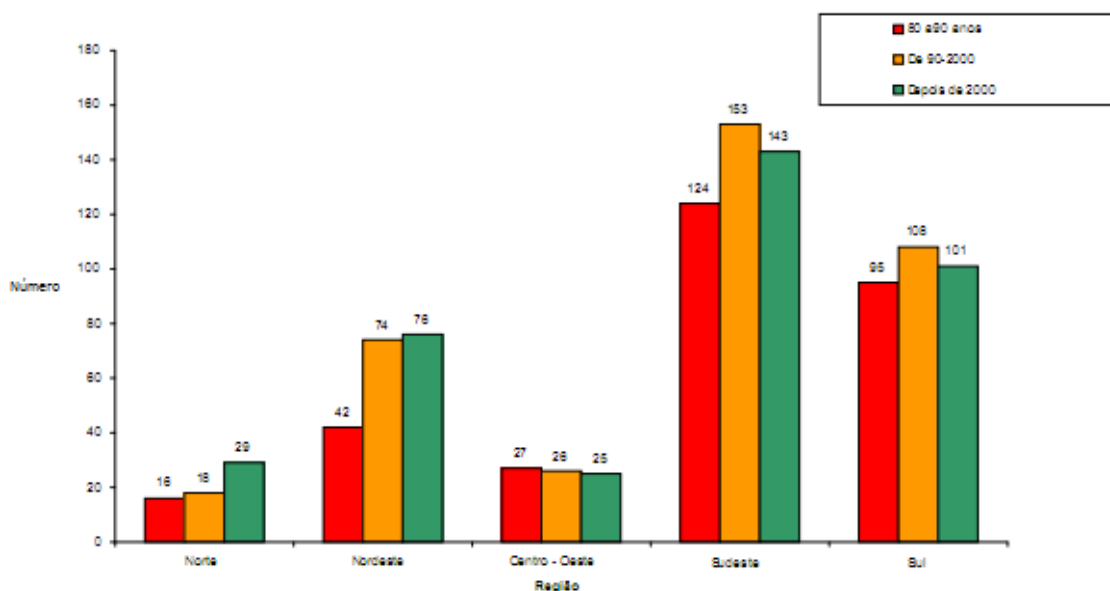


Figura 6. Número de Museus abertos depois de 1980 no Brasil

Fonte: IBRAM (apud FARIA, 2012, p. 105)

O aumento do número de museus a partir dos anos 1980 se deu por conta de um fenômeno mundial como parte de um movimento que tornou mais diversificado o processo de preservação do passado, passando a existir uma procura maior pelas fontes patrimoniais que permitissem a afirmação de passado. Esse crescimento, também representou a abertura de lugares de convívio, dando espaço tanto para o fortalecimento de autoestima e criatividade, como para manifestações solidárias (SANTOS, 2004).

Para Santos (2004, p. 60), entre as instituições culturais contemporâneas, os museus foram aqueles que melhor se adaptaram ao mundo atual. Alguns autores enxergam o cenário de hoje como um momento de democratização dos processos de preservação da memória, enquanto para outros, o mundo contemporâneo é o da fragmentação cultural.

Pode-se compreender, com isso, que o crescimento dos museus na década de 1980 se deu tanto a partir de um processo de comercialização das narrativas e dos elementos simbólicos preservados pelos museus, que passaram a captar grandes investimentos e atrair um número considerável de visitantes, como a partir do fortalecimento de demandas

específicas e locais, que diversificaram uma memória anteriormente calcada em narrativas nacionalistas autoritárias.

Para uma compreensão mais detalhada desse movimento, seria necessário realizar estudos mais aprofundados, analisando dados quantitativos e qualitativos a fim de entender de forma mais específica o crescimento do número dos museus no Brasil (SANTOS, 2004). Ainda assim, pode-se afirmar que as transformações ocorridas no país, nas últimas décadas, refletem as constantes mudanças nesse segmento, visto que:

[...] na América Latina os museus, geralmente, não são conscientes da potencialidade de sua linguagem e de seus recursos de comunicação, e muitos não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem seus códigos de valores e significados (ARAÚJO apud SANTOS, 2004, p. 60)

Após verificar este crescimento no surgimento de novos museus e instituições similares, como casas e espaços de cultura e oficinas culturais nos últimos 30 anos, é importante compreender como um equipamento cultural, no caso, o museu, pode ser inserido no turismo.

Para Suano (1986, p. 72), “o museu é, sem dúvida, uma instituição urbana por excelência. Contudo, a cidade que o abriga e mantém raramente é um de seus objetos de reflexão”. Em muitos casos, o museu poderá ser o primeiro contato do turista com aquela localidade, justamente por ser um espaço voltado à cultura local.

Ao considerar-se o museu como um guardião de memórias, ou seja, o patrimônio cultural de um povo, observa-se a sua relação estreita com a formação do fluxo turístico, pois para Lemos (1989), o turismo nasce também associado à procura e visitação de locais onde o patrimônio cultural se manifesta.

2.2 A relação entre Museus e o Turismo

Pode-se dizer que na relação entre turismo e museus existe um vínculo de aproximação e um universo de possibilidades. É comum, que destinos turísticos com enfoque no turismo cultural associem a imagem do museu ao destino, ou seja, os museus estão ligados a ações estratégicas para o desenvolvimento do turismo local, onde eles já estão incluídos em roteiros culturais, de modo que tais destinos sobrevivem economicamente do fluxo de turistas que esses equipamentos culturais atraem.

Nesse sentido, entende-se que os museus podem atuar como uma porta de entrada para o turismo, por serem espaços voltados ao conhecimento da cultura local, bem como à preservação do patrimônio material e imaterial, sendo esses fatores importantes para impulsionar a atividade turística (IBRAM, 2013).

Na imaginação do turista o museu ocupa lugar especial, pois é nele que se encontra de modo muito particular, boa parte do conhecimento buscado no curso de uma viagem. Os museus atraem não só visitantes locais, como enredam a atenção e o interesse de quem chega a uma cidade e logo quer mergulhar na sua vida cultural e descobrir os atrativos que oferece [...] (SANTOS, 2013 apud IBRAM, 2013, p.10).

Para que essa relação entre turismo e museus possa ser compreendida de uma forma mais adequada, primeiramente faz-se necessário compreender o conceito de turismo, de modo que encontrar uma definição exige um olhar amplo, por ser uma atividade que atua em diversos segmentos.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001), no Brasil, considera-se como uma definição de turismo “as atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”.

Visando complementar o conceito de turismo da OMT, La TORRE (1992, p.19) define turismo como:

[...] um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Pode-se dizer, então, que o turismo é uma atividade multidisciplinar, em que a busca por sua definição, não se restringe a apenas um aspecto. Para Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p.23) “[...] o turismo deve ser visto como uma atividade multidisciplinar gerada através da inter-relação dos segmentos, que de maneira direta e indireta fazem parte do processo de captação e acolhimento dos turistas na localidade”.

Considerando os fatores da multidisciplinaridade do turismo, Krippendorf, (1989, p.175) afirma que:

[...] o turismo promove o desenvolvimento da economia local através da produção e consumo de bens e serviços turísticos diretos e indiretos. Portanto pode-se dizer que o turismo fortalece o mercado e a imagem do local, pois influencia na área social, cultural, político, ambiental, comportamental, ideológico e científico daquele destino.

Diante desse quadro, Lopez (2003) afirma que a viagem turística tornou-se uma necessidade básica do mundo moderno, baseada na valorização social dos elementos geofísicos (principalmente recursos naturais) e de elementos culturais, na idealização dos modos de vida e na adoção de formas de comportamento estabelecidas como símbolos de *status*.

A contribuição do turismo para o desenvolvimento local depende de onde se quer chegar, ou seja, envolve diferentes fatores que precisam ser analisados cuidadosamente, de forma que esse desenvolvimento gere uma transformação social naquela localidade. Sendo assim, compreende-se que:

O turismo como qualquer outro setor econômico, pode contribuir ao desenvolvimento de uma região ou gerar impactos altamente negativos; tudo depende de um modelo utilizado e da sua gestão. Mas, historicamente, tende a causar mais problemas do que soluções, e especialmente entre a população mais vulnerável e no ecossistema [...] (CAÑADA y GASCON, 2007 apud FARIA, 2012, p. 55).

No Brasil, a atividade turística vem sendo desenvolvida por meio de ações que visam à criação de novos destinos, assim como a elaboração de produtos diferenciados para os turistas, de modo que os museus brasileiros integram essa oferta de atrativos turísticos e são potenciais indutores do turismo.

Dentro do cenário de turismo e museus, analisando as experiências que vêm sendo realizadas até o momento, pode-se considerar que ainda existe certo desconhecimento sobre o papel de cada um nesse contexto e uma deficiência na formulação de ações e projetos que fomentem as práticas do turismo associadas aos museus, objetivando que os museus façam parte dos roteiros turísticos.

Segundo uma pesquisa encomendada pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), e divulgada pelo IBRAM, em setembro de 2013, mostra que atividades culturais destacaram-se entre os turistas que vieram para a Copa das Confederações no Brasil, em junho de 2013. A pesquisa foi realizada com 453 entrevistados durante os dias da Copa, e os números da pesquisa apontam que os lugares mais visitados pelos turistas estrangeiros

foram os bairros históricos (50,8 %); os museus, casas de cultura e exposições (39,5%); os monumentos (39%); e os shows (15,5%).

De acordo com a pesquisa apresentada, museus, casas de cultura e exposições foram a escolha de 69,4% dos turistas que foram a Brasília; 55,7% dos que foram ao Rio de Janeiro; e 55,4% dos que foram a Belo Horizonte.

Um ponto a ser considerado refere-se à influência econômica do turismo cultural, já reconhecida internacionalmente, colocando a atenção, sobretudo, no seu impacto de consumo. Porém, ao pensar em turismo cultural, é necessário compreender que essa não é uma atividade fácil de ser definida, pois uma vez que qualquer experiência de viagem possui, em algum sentido, um aspecto cultural, é preciso analisar todos os impactos que essa atividade causa, pois ao sair de seu ambiente, o turista entra em contato com novas culturas, hábitos, experiências, etc. Dessa forma, a Cartilha de Segmentação – Turismo Cultural do Ministério do Turismo (2010, p.13) compreende que:

Turismo Cultural são as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Ao considerar o conceito de turismo cultural adotado pelo Ministério do Turismo (MTur), entende-se que o turismo relaciona-se com a cultura de maneira abrangente, de modo que os turistas podem ser motivados à prática do turismo cultural por interesse em conhecer culturas diversas, e decorrente disso, o turismo pode auxiliar na valorização da identidade cultural, da preservação, conservação e promoção econômica do patrimônio e bens culturais de uma localidade.

Sendo assim, é possível entender que existe uma via de mão dupla nessa relação entre turismo e cultura, sabendo que a cultura impulsiona a atividade turística e, por sua vez, o turismo deve contribuir como um elemento importante na preservação do patrimônio cultural. É preciso analisar individualmente a influência que a cultura, em seus diversos sentidos, pode exercer nos fluxos turísticos e os impactos que estes fluxos podem causar na cultura das comunidades receptoras.

CAPÍTULO 3. A HOSPITALIDADE EM BRUMADINHO E O INSTITUTO INHOTIM

Este capítulo demonstra os resultados das entrevistas realizadas em visitas de observação em Brumadinho a fim de compreender o atual cenário de turismo do município.

3.1 Metodologia

A finalidade deste estudo é analisar o atual cenário turístico ligado à prática da hospitalidade na cidade de Brumadinho, em Minas Gerais, após a abertura do Instituto Inhotim, que por sua vez é considerado o equipamento cultural mais visitado no município, fator que vem sendo observado e discutido não apenas pelas entidades locais de fomento ao turismo e empresários do setor, mas também, pela população local, que por sua vez são os primeiros a sentir os impactos da atividade turística realizada na cidade por conta desse atrativo.

A escolha do objeto de estudo partiu do interesse da autora desta dissertação em visitar o Instituto Inhotim em meados de 2013. Durante a procura por informações sobre a cidade que abrigava o museu, e opções de meios de hospedagem na região, as informações eram desconstruídas e as mídias que divulgavam o museu não vinculavam nenhuma opção de hospedagem na cidade de Brumadinho, oferecendo apenas hotéis na cidade de Belo Horizonte, que está localizada a 60 km do município.

Até mesmo sites de viagens, como o tradicional *TripAdvisor*, muito utilizado entre viajantes para trocar dicas de viagem e avaliar destinos e atrativos turísticos, ou revistas impressas de turismo, recomendavam a hospedagem em Belo Horizonte ao visitar o Instituto Inhotim, porque não haviam muitas opções em Brumadinho e a infraestrutura da cidade era precária.

A partir desse desencontro de informações, observou-se que a cidade de Brumadinho estava passando por um processo de transformação social, decorrente da atividade turística que começava a destacar-se após a abertura do Instituto Inhotim, de modo que também existia uma carência de estudos mais aprofundados sobre o desenvolvimento da atividade turística na região e os impactos gerados pela prática do turismo.

Sendo assim, este estudo questiona: qual o papel do Instituto Inhotim nas relações de hospitalidade existentes em Brumadinho?

O objetivo geral da pesquisa é verificar se um equipamento cultural pode influenciar no crescimento da hospitalidade de uma localidade. Partindo-se deste objetivo geral, busca-se compreender os seguintes objetivos específicos:

1. Avaliar o impacto do equipamento cultural (MUSEU) sobre a localidade;
2. Identificar de que forma a população local se vê inserida dentro desse novo contexto social.

Com base nas investigações realizadas durante o processo de elaboração desta dissertação, foi possível traçar as seguintes proposições:

- (P1) A população local não se sente parte do atrativo turístico;
- (P2) A população se incomoda por não haver a divulgação da cidade como destino turístico, apenas do equipamento cultural em questão;
- (P3) Observa-se o crescimento do fluxo de visitantes na cidade decorrente da implantação do museu.

Inicialmente, foi realizado um levantamento do referencial bibliográfico teórico sobre os assuntos relevantes da pesquisa apresentados por meio das palavras-chave. De forma que são utilizadas como base as análises de diversos autores que abordam as teorias e conceitos de Hospitalidade, Turismo Cultural e Museus.

Para abordar os conceitos de hospitalidade e turismo esta dissertação apoia-se nos seguintes autores: Castelli (2005); Camargo (2004); Denker e Bueno (2003); Lashley e Morrison (2004); Gotman (2001); Grinover (2007); Camargo e Cruz (2009); Cañada e Gascón (2007); Costa (2004); Faria (2012); Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002); Castrogiovanni (2000); Moesch (2002); Oliveira (2012), entre outros.

Com a finalidade de promover uma melhor compreensão do atual cenário turístico da cidade, entre o período de fevereiro de 2014 a julho de 2015, foram realizadas quatro visitas a Brumadinho, para realização de uma observação *in loco* e obter maiores informações sobre o fluxo da atividade turística local, com o objetivo de ampliar os questionamentos iniciais, estruturação da metodologia de pesquisa a ser aplicada, bem como para a aplicação de questionários aos moradores e empresários locais do setor de turismo.

A primeira visita se deu entre os dias 09 a 13/2/2014 com o objetivo principal de fazer um reconhecimento da cidade e do Instituto Inhotim. E também efetuar um primeiro contato com o gestor responsável pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Brumadinho. Porém, por falta de disponibilidade de horário, não foi possível agendar previamente uma reunião com a atual Secretária de Turismo. Portanto, essa primeira visita foi direcionada para

observar a rotina da cidade em relação ao fluxo turístico, e conhecer o seu principal atrativo turístico, o Instituto Inhotim.

Por meio da página da Prefeitura de Brumadinho no *Facebook*, foi divulgado um evento chamado II Seminário de Turismo de Brumadinho, que aconteceria no Instituto Inhotim entre os dias 10 e 11/4/2014, com a finalidade de unir a população local e os empresários do setor de turismo da região para discutir possíveis problemas que dificultam o desenvolvimento da atividade turística no município. Após um contato via e-mail com a gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, entidade apoiadora do evento, a segunda visita foi agendada os dias do evento, assim, seria possível verificar a atual situação do turismo no município, e ao mesmo tempo fazer contato com os moradores e empresários locais.

Para identificar a situação da atividade turística no município, foram utilizados os dados parciais da primeira etapa do Inventário da Oferta Turística do município de Brumadinho, realizado pela empresa E3 Consultoria e apresentados durante o II Seminário de Turismo de Brumadinho. Nesse diagnóstico foram analisados os serviços e equipamentos turísticos que atendem primeiramente o visitante, e as estruturas de apoio, sendo:

- Infraestrutura e apoio ao turismo;
- Serviços e Equipamentos Turísticos;
- Atrativos Turísticos

A terceira visita foi realizada entre os dias 17 a 21/10/2014, objetivando a realização das entrevistas (Apêndice A) aos empresários do setor de turismo em Brumadinho, para levantar informações relevantes sobre a prática do turismo na região, e também compreender a opinião dos empresários em relação à atividade turística. Pelo intermédio da gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, foram indicados dez empresários de Brumadinho para a entrevista, entre eles, proprietários de pousadas, restaurantes e empresas de receptivo turístico.

A quarta visita de observação *in loco* aconteceu entre os dias 9 a 11/07/2015, e teve como objetivo principal entrevistar os moradores de Brumadinho sem ligação direta com a atividade turística. Foram selecionados dez moradores de forma aleatória, de acordo com a disponibilidade e interesse em participar da entrevista. Optou-se por aplicar o mesmo questionário (Apêndice A) utilizado para entrevistar os empresários locais justamente para compreender de que forma a população se vê inserida no contexto.

A metodologia a ser desenvolvida, de caráter exploratório-descritiva, utilizou a abordagem qualitativa, buscando compreender os fenômenos segundo as perspectivas dos

sujeitos, ou seja, compreender o fenômeno do turismo como um processo social inserido em um determinado momento histórico (DENCKER, 2007). Desta forma, a metodologia fundamentou-se em três eixos norteadores; hospitalidade, serviços e turismo; e para isso, foram utilizadas as seguintes técnicas/instrumentos para o seu desenvolvimento:

- Observações sistemáticas sobre as atividades turísticas locais – em Brumadinho - como método de coleta de dados, onde foram realizadas quatro visitas *in loco* para identificar o atual cenário turístico do município, e para isso, fez parte dessas observações a elaboração de um questionário (Apêndice A) que, inicialmente foi aplicado aos proprietários de dez estabelecimentos como pousadas, restaurantes e empresas de receptivos que atuam diretamente no setor de serviços turísticos em Brumadinho, os quais são impactados pela demanda de fluxo turístico gerada pelo Instituto Inhotim. Estes estabelecimentos foram escolhidos por indicação da gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba por facilidade de contato com estes empresários.
- Levantamento e análise da bibliografia e documentos impressos ou eletrônicos sobre Brumadinho, Hospitalidade, Turismo e Serviços. Durante o processo de elaboração da dissertação, além dos recursos impressos, como livros, jornais e revistas, parte do material referente aos assuntos abordados na pesquisa foi levantada em publicações eletrônicas, dissertações, artigos científicos e publicações em redes sociais, como *TripAdvisor* e *Facebook*, e também durante as visitas *in loco*, onde parte do material foi conseguido na Secretaria Municipal de Turismo de Brumadinho e na Biblioteca do Instituto Inhotim.
- Entrevistas semiestruturadas com enfoque sobre o impacto da presença do Instituto Inhotim na cidade, a fim de compreender a visão dos envolvidos com a atividade turística no município, de modo que essas entrevistas foram divididas em duas etapas, sendo a primeira direcionada para os empresários locais e os gestores públicos; e a segunda para os moradores de Brumadinho.

Na primeira etapa das entrevistas, foram entrevistados os gestores públicos da Secretaria Municipal de Turismo de Brumadinho, onde foi possível entrevistar a atual Diretora de Turismo e o Assistente Técnico, e também a gestora do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, responsável por fomentar a atividade turística na região. Ainda nesta etapa, foram selecionados dez empresários locais, sendo eles proprietários de estabelecimentos ligados ao turismo, como pousadas, restaurantes e empresas de receptivo. Estes empresários foram selecionados a partir da indicação da gestora do

Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, por estarem dispostos a participar da pesquisa fornecendo as informações necessárias sobre a atividade que eles desenvolvem.

Já na segunda etapa das entrevistas, o mesmo questionário aplicado aos empresários e gestores, foi aplicado aos moradores selecionados. Foram selecionados dez moradores de Brumadinho, que não possuem ligação direta com a atividade turística que vem sendo desenvolvida no município justamente para compreender qual é a visão do morador como anfitrião desse processo. Esses moradores foram escolhidos de forma aleatória, em diversos setores da sociedade.

- Após a realização das entrevistas e respectiva transcrição, foram realizadas as análises buscando compreender o fenômeno turístico pela perspectiva dos sujeitos envolvidos com o mesmo.

3.2 A relação das atividades turísticas com a hospitalidade na cidade de Brumadinho - MG: Análise da opinião dos moradores e dos empresários locais do setor de turismo

Ao caminhar pelas ruas da cidade, aos poucos Brumadinho se revela uma típica cidade do interior de Minas Gerais, onde as pessoas ainda cultivam seus hábitos e suas tradições, e com isso demonstram certa resistência quando o assunto é turismo, conforme observações *in loco* realizadas até o momento. A atividade turística ainda é encarada pela população local como algo novo e desconhecido, e por não possuírem o controle desse fluxo turístico na cidade, demonstram indiferença em relação às ações promovidas pelos atores envolvidos no processo para desenvolver e incrementar o setor de serviços turísticos³.

Beni (2006, p. 46) afirma que “[...] a rapidez das mudanças ocasionadas pelo turismo pode gerar efeitos negativos nas relações sociais e na qualidade de vida da população. Nesse caso, é preciso estar consciente da problemática que envolve esse processo para empreender ações que minimizem seus custos sociais”.

Assim como em muitas cidades do interior do Brasil, a atividade turística em Brumadinho acontece de forma espontânea, de modo que o setor de serviços turísticos e de

³ Serviços turísticos compreendem o “conjunto de serviços, edificações e instalações indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística e que existem em função desta. Englobam os serviços e os equipamentos de hospedagem, alimentação, agenciamento, transporte, eventos e lazer”. BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Roteirização Turística – Módulo Operacional 7. Brasília: 2008. Publicação disponível em www.turismo.gov.br < acesso: Setembro, 2014>.

hospitalidade não são profissionalizados. Neste aspecto, com base nas entrevistas realizadas, observa-se que o setor necessita ainda de uma gestão mais estruturada, até mesmo por ser uma atividade praticada há pouco tempo na região, pois segundo dados da Secretaria de Turismo e Cultura de Brumadinho (2014), o turismo começou a ser trabalhado efetivamente no município após a abertura do Instituto Inhotim, no ano de 2006. Observou-se que no município há uma estreita ligação entre o desenvolvimento do setor de turismo e de hospitalidade ao equipamento cultural turístico, o Instituto Inhotim.

Considerando esses fatores, pode-se entender essa resistência da população local perante o fator da atividade turística que vem se desenvolvendo na região, como um reflexo da falta de participação das comunidades receptoras nos processos de planejamento turístico, que por muitas vezes utilizam modelos preexistentes que não envolvem a população de maneira efetiva nesses processos.

Confore Denker (2004, p. 12):

No Brasil, não se ouvem as comunidades porque não existe uma cultura de participação, portanto, os indivíduos não se sentem responsáveis pelo que ocorre em seu entorno. Podemos dizer que o brasileiro aprendeu pela experiência que, independentemente de suas ações e opiniões, as decisões finais sempre serão tomadas pela cúpula e no seu interesse. Isso faz da maioria da população uma espectadora do processo, pois não há interesse em participar de decisões geradas por um processo em que ela não acredita.

Ao analisar o atual cenário de serviços turísticos em Brumadinho, pelas observações das visitas *in loco*, percebeu-se que desde a abertura do Instituto Inhotim houve um interesse maior por parte dos empresários do *trade* turístico em estabelecer parcerias a fim de desenvolver e fomentar o turismo na região e, desde então, surgiram novos empreendimentos turísticos não apenas em Brumadinho Sede, mas também em seus distritos.

Em 2008, foi criada a Rede Empresarial do Turismo de Brumadinho e Entorno, com o intuito de organizar o setor. A rede foi composta por 72 empresários, onde contavam com a participação do Instituto Inhotim, da Prefeitura Municipal de Brumadinho, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE Minas). Porém, por falta de entendimento entre os empresários e diferentes interesses, a Rede Empresarial do Turismo de Brumadinho e Entorno foi desfeita em janeiro de 2015.

Durante a realização do II Seminário de Turismo de Brumadinho, evento organizado pela Prefeitura Municipal em parceria com a Secretaria de Cultura e Turismo de Brumadinho, foi apresentado o resultado parcial da primeira etapa do levantamento das informações

relevantes para a estruturação do Inventário da Oferta Turística do município, realizado pela empresa E3 Consultoria.

A segunda etapa do inventário se deu por meio de um planejamento participativo para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico de Brumadinho e do Guia Turístico Oficial da cidade. Porém, conforme a Secretaria de Cultura e Turismo de Brumadinho, por falta de articulação política entre os envolvidos, estruturação e planejamento do projeto inicial de elaboração do Plano Diretor de Turismo, e falta de pagamento à empresa E3 Consultoria, o projeto foi suspenso, e a empresa inicialmente contratada não repassou oficialmente as informações coletadas durante as etapas de elaboração do inventário da oferta turística.

A Secretaria Estadual de Turismo de Minas Gerais (SETUR) apresentou alguns dados relevantes para os estudos sobre a atividade turística na localidade, entre eles a questão do aumento de investimentos no setor turístico. Segundo a SETUR, entre 2006 e 2012 houve um crescimento de 65% no número de empreendimentos no setor, percentual maior que a média de Minas Gerais, que foi de 35%.

A pesquisa de vocação turística, aplicada entre dezembro de 2011 e fevereiro de 2012, teve a participação de dezoito empresários, e agentes públicos. Por meio de entrevistas, revisão bibliográfica e trabalho de campo, foram avaliados aspectos como o potencial das atrações turísticas, sua representatividade e singularidade, o estado de conservação da paisagem do entorno, infraestrutura e acesso (SEBRAE, 2014).

Perguntados sobre os principais desafios da cidade para alavancar o turismo, os participantes citaram a deficiência na infraestrutura básica, como a baixa qualidade das vias de acesso, da sinalização, da coleta do lixo, da iluminação pública e o transporte urbano entre a Sede e os distritos. A falta de mão de obra qualificada também foi citada como um entrave ao desenvolvimento local, assim como a pouca integração entre os empresários e a comunidade local.

3.3 Discussão dos Resultados

A partir da análise do papel do Instituto Inhotim na relação entre as atividades turísticas existentes em Brumadinho, verificou-se que um equipamento cultural pode influenciar no crescimento da hospitalidade de uma localidade; e também possibilitou diagnosticar a situação atual do setor de serviços turísticos do município, e observou-se que a atividade turística que vem se desenvolvendo na cidade após a implantação desse equipamento cultural, mesmo que recente, já interfere na rotina local.

Com base nas informações bibliográficas levantadas e também coletadas durante as visitas de observação *in loco* para a realização de entrevistas semiestruturadas, foi possível atingir os objetivos específicos dessa pesquisa, ou seja, foi validado o impacto do equipamento cultural sobre a cidade; e identificada a forma como a população local se vê inserida dentro desse novo contexto social, em Brumadinho.

Entre os dias 16 a 26/10/2014, durante a terceira visita de observação *in loco* em Brumadinho, foram entrevistados dez empresários do *trade* turístico local, a fim de compreender quais as maiores dificuldades que eles identificam como entraves para o desenvolvimento do setor turístico na região. Para as entrevistas, foram escolhidos os proprietários dos seguintes estabelecimentos:

- a) Meios de Hospedagem: Pousada Verde Folhas, Pousada Morada dos Pássaros e Pousada Vista da Serra;
- b) Receptivo Turístico: HT Happy Travel e Brumatur;
- c) Alimentação: Restaurante Rancho do Peixe e Restaurante Casa Velha.

Partindo das informações preliminares dessas entrevistas, foram levantadas as seguintes proposições:

- (P1) A população local não se sente parte do atrativo turístico;
- (P2) A população local se incomoda de não haver a divulgação da cidade como destino turístico, apenas do equipamento cultural em questão;
- (P3) Observa-se o crescimento do fluxo de visitantes na cidade decorrente da implantação do Museu.

Desses dez entrevistados, oito empresários levantaram duas questões relevantes como entraves para o desenvolvimento do setor de serviços turísticos em Brumadinho. A primeira questão foi a falta de envolvimento da população local com a atividade turística.

- Rodolfo Lacerda, Proprietário do Restaurante O Rancho do Peixe⁴

[...] eu acho que é uma novidade, é uma perspectiva que vem sendo agregada a vida das pessoas aqui em Brumadinho, elas estão começando a despertar para as oportunidades que essa tendência de desenvolvimento da atividade turística no município vem proporcionando no principal sentido de geração de renda, algumas já estão identificando a oportunidade de trabalhar com produção associada ao turismo como o artesanato, doces, quitandas, compotas e uma série de outros produtos e acredito que é mais uma questão agora de uma contrapartida da administração pública criar situações para que as pessoas tenham mais oportunidades de usufruir desse momento [...].

⁴ Informação verbal, concedida em entrevista à autora em Brumadinho – MG, em 17/10/2014.

Segundo os empresários, a comunidade local não manifesta interesse em tomar conhecimento sobre as ações praticadas para desenvolver o turismo local, e de certa maneira isso gera uma dificuldade no planejamento turístico municipal.

- Glayson Silva, proprietário da Serra da Moeda Escola de Vôo Livre⁵

[...] Muitas das pessoas acredito que não se envolvem tanto com o turismo local porque não veem algumas ações acontecendo. Acho que falta um pouco mais de divulgação e inserir essa informação nas pequenas comunidades, comunidades que estão um pouco mais afastadas [...].

Na opinião dos empresários, esse tipo de atitude por parte da população, atrasa o desenvolvimento do setor de serviços turísticos local, interferindo diretamente na qualidade da prestação de serviços, pois esse fator tem contribuído para a falta de mão de obra qualificada em toda a região.

- Leonardo Esteves, Proprietário do receptivo turístico Brumatur⁶:

[...] eu vejo que há muito que se trabalhar em despertar esse outro olhar do cidadão para que ele enxergue a importância dessa atividade econômica para o município de uma maneira mais rápida e mais eficiente do que a que vem sendo trabalhada [...] hoje o que está acontecendo é que as pessoas vêm de fora para começar a prestar um outro serviço, enquanto muita coisa poderia ser realizada pela própria população, se enxergassem como mais uma fonte de renda, como uma atividade econômica que funcione mesmo [...].

Quando perguntado aos empresários se Brumadinho está preparada para receber os turistas, a questão evidenciada nas respostas foi a falta de infraestrutura local.

- Alessandra Alves, proprietária da Pousada Morada dos Pássaros⁷:

As pousadas e os restaurantes estão aprimorando cada vez mais, assim como o número de pousadas e restaurantes vem crescendo muito. Você vê que as pessoas estão investindo, então nessa questão eu acho que está preparada sim. Agora tem muita coisa a desejar, a infraestrutura de alguns lugares, o asfalto que a gente espera de Casa Branca para Brumadinho, pois isso atrapalha muito pra gente aqui [...].

⁵ Informação verbal, concedida em entrevista à autora em Brumadinho – MG, em 17/10/2014.

⁶ Idem, em 20/10/2014.

⁷ Idem, em 19/10/2014

Essa é uma questão relevante levantada no decorrer das entrevistas, pois pontua que a má sinalização turística e a não pavimentação das estradas que ligam Brumadinho Sede aos distritos, na visão dos empresários, prejudicam o desenvolvimento da atividade turística local.

- Suely Ribeiro, proprietária do Restaurante Casa Velha⁸:

[...] o turista se perde, o turista fica mal informado, não sabe para onde ir, se perde, falta sinalização, falta melhoria em estradas [...].

Em decorrência disso, muitos turistas optam por meios de hospedagem em Belo Horizonte, pelo fato da capital oferecer mais opções de serviços e também mais facilidades de acesso. Existe uma linha de ônibus que sai da rodoviária de Belo Horizonte e vai até o Instituto Inhotim, o que impede que o turista tenha contato com os empreendimentos turísticos de Brumadinho. Porém, destaca-se nas falas dos empresários que após a abertura do Inhotim, houve um crescimento significativo da atividade turística na região, e mesmo assim, eles afirmam que ainda existe uma carência de serviços e infraestrutura.

- Luisa Saad, proprietária da Pousada Vista da Serra⁹:

[...] Claro que existem opiniões divergentes, mas o Inhotim, o museu, é para nós como se fosse 90% da nossa hospedagem. Por isso, por ter essa grande vinda de gente pra cá por causa do Inhotim, eu acho que Brumadinho não está preparada para receber esses turistas. Falta infraestrutura, falta estrada, falta hospital, faltam algumas coisas básicas para poder andar melhor essa relação aí de turistas com empresários, até mesmo para o pessoal vir e ficar mais confortável. Mais sinalização também, mais acesso para que as pessoas queiram se hospedar aqui [...].

Considerando as informações levantadas e expostas pelos empresários, verifica-se que a relação entre museus e turismo pode impulsionar a prática do turismo em uma determinada localidade, e mesmo que estes pertençam a universos diferentes, é possível que haja um diálogo entre ambos em prol do desenvolvimento de ações conjuntas que vislumbrem melhorias para a comunidade que o abriga.

Para compreender a forma como os moradores de Brumadinho enxergam a atividade turística que vem sendo desenvolvida no município, entre os dias 9 a 11/07/2015, foram entrevistados dez moradores de Brumadinho sem ligação direta com a atividade turística, escolhidos de forma aleatória, e quando perguntados sobre como era o turismo em

⁸ Informação verbal concedida em entrevista à autora em Brumadinho – MG, em 19/10/2014.

⁹ Idem.

Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim, parte deles não soube detalhar o que existia exatamente como atividade turística em Brumadinho, afirmaram que a cidade vivia economicamente à base da mineração.

- Lucas Laurindo, comerciante¹⁰:

[...] Brumadinho era uma cidade do minério. É hoje ainda, mas já tem mais uma evolução comercialmente assim, a respeito do Inhotim “né”? Brumadinho era uma cidade mais ligada ao minério de ferro mesmo, era uma cidade mais devagar, era um lugar assim com preços mais acessíveis. O custo de vida ficou caro. O Inhotim foi a culpa de inflacionar isso aí mesmo. Para você comprar um lote hoje é um absurdo, o preço dos imóveis foi a principal mudança disso tudo, o Inhotim fez aumentar muito por causa da especulação imobiliária. Para quem mora aqui ficou “puxado”. Porque ele (o Inhotim) pegava um terreno que valia, vamos supor duzentos mil reais e pagava um milhão de reais pelo terreno. Aí isso inflacionou Brumadinho de um jeito que para uma pessoa comprar um lote aqui hoje e construir ficou muito difícil. Se a pessoa não tiver dinheiro, ela não “decola”.

Porém, ao falar de como era Brumadinho antes da atividade turística, evidenciou-se que a chegada do Instituto Inhotim na cidade impactou diretamente no custo de vida, elevando os preços dos imóveis e contribuindo para o crescimento da especulação imobiliária. Um dos entrevistados inclusive coloca que a atividade turística trouxe melhorias para a infraestrutura do município, e que esse investimento se deu por conta de uma conscientização de que a prática da mineração é esgotável.

- Valdir Oliveira, Jornalista¹¹:

“[...] de certa maneira, é um ideal que está caminhando, e ainda muito presente, a infraestrutura do município para o setor de turismo comparando com a década de 90, que era praticamente zero, então hoje pode-se dizer que já melhorou muito, porque já tem vários hotéis e pousadas, e isso tem muito a ver com essa presença do Inhotim e a discussão é a seguinte, se não fizermos alguma coisa vai chegar um momento em que as mineradoras vão embora e nós não vamos ter nada. Então, foi nesse contexto que foi criado o pensamento de turismo em Brumadinho [...]”.

Para um dos entrevistados, já existia uma atividade turística relevante na região de Brumadinho antes da chegada do Instituto Inhotim. Ele afirma que nos distritos do entorno de Brumadinho já eram praticadas atividades de ecoturismo e arborismo.

- Ronaldo Silva, funcionário público¹²:

¹⁰ Informação verbal concedida à autora em entrevista em Brumadinho – MG, em 09/07/2015.

¹¹ Idem, em 11/07/2015.

“Antes do Inhotim tinha turismo ecológico, por conta das cachoeiras, alguns distritos e áreas rurais com pontos turísticos históricos, mas o Inhotim abriu a visão das pessoas em relação ao turismo. Porque antes até tinha alguma coisa, mas as pessoas não davam muito valor. Agora com o Inhotim, as pessoas estão passando a dar mais valor, mais reconhecimento das coisas que fazem parte do município [...]”.

Observa-se na fala do morador, que existe um certo interesse em ressaltar as demais atividades turísticas que não são diretamente ligadas ao equipamento cultural estudado.

- Luana Amaral, funcionária pública¹³:

“[...] Existia turismo sim, mas com uma visão muito menor, e com um número de turistas muito menor também. Aumentou muito o número de turistas aqui na cidade, e com certeza o Inhotim foi a grande âncora disso. Com a chegada dos turistas foram abertas várias pousadas no entorno, surgiram roteiros ecológicos na região, em Casa Branca mesmo temos as atividades de arvorismo, temos pousadas, temos o Topo do Mundo, que também é dentro de Brumadinho, temos a Rota da Cachaça. Então a gente até sabe do potencial que Brumadinho tem e eu acredito que o Inhotim só veio para fortalecer isso tudo e mostrar que também temos outras coisas além do Inhotim [...]”.

Para que Brumadinho possa conquistar espaço e destacar-se diante dos destinos turísticos brasileiros já consolidados, primeiramente é necessário que os serviços e equipamentos turísticos da região estejam adequados às necessidades da demanda do fluxo turístico que a cidade recebe.

Atualmente, os turistas buscam por destinos que atendam além de suas necessidades básicas, ou seja, que superem suas expectativas proporcionando-lhes vivenciar novas experiências.

Com base nas entrevistas dos moradores de Brumadinho, verificou-se que eles já entendem que a implantação desse equipamento cultural é uma oportunidade para a cidade, visto que a atividade econômica principal, a mineração, atravessa tempos de crise.

- Valdir Oliveira, jornalista¹⁴:

“[...] o museu é a maior oportunidade que o município está tendo para o seu desenvolvimento. Falta o município agora tirar proveito dessa potência que está instalada aqui [...]”.

¹² Informação verbal concedida em entrevista à autora em Brumadinho – MG, em 09/07/2015.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem, em 11/07/2015.

O espaço urbano pode ser compreendido como algo inteiramente dinâmico. Por meio da prática do turismo é possível alinhar os investimentos econômicos no setor ao desenvolvimento social da comunidade local, desde que seja planejado e organizado de forma participativa.

De forma geral, o turismo pode ser uma alternativa para o crescimento econômico e o desenvolvimento social da comunidade de Brumadinho, porém, isso não depende apenas do interesse público em buscar alianças para se desenvolver dentro desse novo cenário, mas também é preciso que a população local se sinta parte do processo como um todo e queira participar desse desenvolvimento.

- Sueli Silva, Dona de Casa¹⁵:

“[...] Eu acho que em relação ao turismo uma parte da população participa e outra parte não, porque muitos já gostam disso, falam que o Inhotim trouxe serviço para Brumadinho, outros falam que trouxe prejuízo para Brumadinho [...]”.

É importante considerar que após a criação de novos negócios turísticos na região, foram gerados novos postos de trabalho, oportunidades e aumento na renda da população local, que antes do turismo tinham no minério a principal fonte de renda do município.

O turismo trouxe para a economia local uma oportunidade de desenvolvimento socioeconômico para a região, mesmo que em fase inicial, porém, o fato de ainda existirem riscos de danos à natureza e a identidade local, ocasionados por empreendimentos turísticos, é algo a ser observado e acompanhado, pois diante dos diferentes costumes e práticas dos visitantes, a possibilidade de uma modificação da raiz cultural de sua comunidade impede que a população local se envolva e seja mais atuante na atividade turística que vem sendo desenvolvida em Brumadinho.

Com base nas reflexões realizadas diante dos dados apresentados neste estudo, entende-se que o desenvolvimento da atividade turística em Brumadinho foi inicialmente impulsionada após a implantação do Instituto Inhotim na região, porém, a qualidade de um destino turístico e sua continuidade como atrativo só será possível se houver a participação da comunidade local, empresários e entidades públicas ligadas diretamente ao turismo.

Para que a cidade de Brumadinho torne-se um destino turístico consolidado, inicialmente observa-se que, pelas análises apresentadas, será necessário que os problemas em torno da falta de infraestrutura básica, como a baixa qualidade das vias de acesso, da

¹⁵ Informação verbal concedida em entrevista à autora em Brumadinho – MG, em 09/07/2015.

sinalização, da coleta do lixo, da iluminação pública e o transporte urbano entre a Sede e os distritos sejam resolvidos, o que tornará a cidade acolhedora primeiramente aos seus moradores e posteriormente aos seus visitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das entrevistas realizadas, foi possível compreender que de modo geral, o turismo pode incentivar a valorização do local, possibilitando relações baseadas na alteridade, visto que a atividade turística pode contribuir para a construção de relações de hospitalidade.

De acordo com os dados analisados, na primeira proposição (P1), verificou que a população local não se sente completamente parte do atrativo turístico em questão, nesse caso, o Instituto Inhotim. Percebe-se que tanto por parte dos empresários locais, como principalmente da comunidade local, já existe um senso de compreensão maior por parte dos moradores em relação à implantação do museu na cidade, inclusive eles identificam o museu como uma possibilidade de desenvolvimento para o município a partir da atividade turística.

Por parte dos empresários, foi evidenciado que a população de Brumadinho não demonstra interesse em frequentar o Instituto Inhotim. Os empresários afirmam que boa parte da população nunca sequer visita o museu, de modo que o próprio equipamento cultural promove ações em parceria com a Prefeitura de Brumadinho e as escolas da rede pública da região a fim de atrair moradores do município para visitar o museu.

Os moradores, por sua vez, alegam que o valor da entrada ao museu é caro, entretanto, quando questionados sobre a entrada gratuita às quartas-feiras, eles alegam que não podem frequentar o museu nesse dia, porque estão trabalhando.

Parte dos moradores também relaciona o não envolvimento com o equipamento cultural, por não estarem próximos das atividades turísticas que são desenvolvidas no município. A população alega que o turismo acontece apenas para a minoria empresarial que domina o setor de turismo na cidade, não dando oportunidade para o morador local. Foi observado que essa falta de envolvimento da população com a atividade turística em Brumadinho e até mesmo com o Instituto Inhotim se dá pela falta de qualificação de mão de obra e investimentos por parte dos órgãos públicos, como incentivo ao envolvimento e participação da população.

A partir da segunda proposição (P2), baseando-se nas informações coletadas nas entrevistas, ficou evidenciado que a população de Brumadinho se incomoda com a forma como a cidade é divulgada. E essa questão é diretamente vinculada com a primeira

proposição, porque segundo os relatos dos moradores, no início, quando o museu foi de fato aberto ao público, as mídias publicavam matérias denegrindo a imagem da cidade de Brumadinho, a cidade era menosprezada nas mídias, sendo retratada como uma cidade feia, enquanto o museu era o paraíso em meio a uma roça. Essa vinculação depreciativa da cidade nas mídias gerou um sentimento negativo, de hostilidade em relação ao equipamento cultural, ocasionando uma espécie de boicote por parte da população.

Alguns fazem questão de salientar que em momento algum pediram para ser uma cidade turística e que não fazem questão de ter o Instituto Inhotim na cidade deles. Ao afirmarem que a cidade é deles, evidencia-se que além de não se sentirem parte do equipamento cultural, os moradores, de certa maneira, se sentem invadidos pelo Instituto Inhotim.

Ao analisar a terceira proposição (P3), observou-se que o Instituto Inhotim é de fato o principal atrativo turístico da região, o que ocasionou um crescimento considerável do fluxo turístico na cidade. Os empresários locais afirmam que o Instituto Inhotim foi o indutor da atividade turística na região, porém, parte da população manifesta desconforto com o aumento do fluxo de “forasteiros” na cidade, alegando um crescimento do número de veículos, aumentando o trânsito no centro de Brumadinho.

Para os moradores, o museu atrai os olhares de investidores de diversos lugares para a região, ocasionando uma especulação imobiliária muito intensa, justamente por esses investidores enxergarem oportunidades de negócios no local, o que de certa maneira elevou o custo de vida para os moradores de Brumadinho.

Após a análise dos dados levantados durante a pesquisa, e da realização das entrevistas com os empresários locais do setor de turismo e moradores, verificou-se a não qualificação do setor de serviços de hospitalidade para o acolhimento desse fluxo turístico em Brumadinho. Do ponto de vista dos empresários, falta um envolvimento maior do poder público com as questões de interesse relacionadas ao turismo, como capacitação de mão de obra local e investimentos em acessibilidade. Já para dos moradores, a não qualificação do setor se dá por conta do turismo ser uma atividade recente em Brumadinho.

De modo geral, esta pesquisa possibilitou compreender que o desenvolvimento da atividade turística em Brumadinho ainda passa por um processo embrionário, e que a resistência da população e a falta de alinhamento dos interesses comuns entre moradores e empresários é um dos principais entraves para que o município possa se consolidar como um destino turístico.

Verificou-se, sobretudo, que um equipamento cultural pode influenciar no crescimento da hospitalidade de uma localidade, porém no caso de Brumadinho, a prática do turismo ainda é muito recente, não possibilitando esse crescimento. Por isso, recomenda-se a continuidade desta pesquisa para avaliações futuras do desenvolvimento de Brumadinho como um destino turístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Olívia. **Memórias de arquivo: o acervo como museu**. Belo Horizonte. UFMG, 2005. Disponível em: < https://www.ufmg.br/aem/inicial/publicacoes/ic/abreu_2005.htm>. Acesso em Fevereiro, 2015.
- ANICO, Marta. **A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 71-86, jan/jun 2005.
- BARRETO, Margarita. **Cultura e Turismo: discussões contemporâneas**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- BARRETO, Margarita; BANDUCCI, Álvaro (orgs.). **Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica**. Campinas – SP: Papirus, 2001.
- BENI, Mario Carlos. **Globalização do Turismo. Megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.
- _____. **Turismo: Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão: Desenvolvimento regional, rede de produção e cluster**. São Paulo: Manole, 2012.
- _____. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006
- BRASILIA. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm >. Acesso em: Nov, 2014.
- BUENO, Maria Lúcia. **O mercado de galerias e o comércio de arte moderna: São Paulo e Rio de Janeiro nos anos 1950-1960**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 2, p. 377-402, maio/ago. 2005.
- CAMARGO, Luiz Octávio Lima. **Hospitalidade**. São Paulo. Aleph, 2004.
- CAMARGO, Patricia; CRUZ, Gustavo. **Turismo Cultural: Estratégias, Sustentabilidade e Tendências**. Ilhéus. Editus, 2009.
- CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade, na perspectiva da gastronomia e da hotelaria**. São Paulo. Saraiva, 2005.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (Orgs). **Turismo Urbano: Cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição Dos Autores, 1999.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo. Editora Unesp, 2001.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. Cultura e imaginário. São Paulo. Iluminuras, 2004.

COSTA, Flavia Roberta. **Turismo e Patrimônio Cultural**. Interpretação e Qualificação. São Paulo. SENAC, 2009.

Cultura é principal atividade de estrangeiro que veio para Copa das Confederações.

Disponível em: < <https://aquarela2020.wordpress.com/2013/08/30/cultura-e-principal-atividade-de-estrangeiro-que-veio-para-copa-das-confederacoes/>>. Acesso em: Nov, 2014.

DENKER, Ada. **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo, Thomson, 2004.

DENKER, Ada; BUENO, Marielys. **Hospitalidade**. Cenários e Oportunidades. São Paulo. Thomson, 2003.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Portugal. ICOM, 2013.

FARIA, Diomira. **Análise da Capacidade do Turismo no Desenvolvimento Econômico Regional: O caso de Inhotim e Brumadinho**, 2012. Tese de Doutorado (Doutorado em Economia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FIGUEIREDO, Antônio M. L. **A Função Turística do Patrimônio: questionamentos sobre a ideia de sustentabilidade do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 5, Nº 4, 2005.

FIGUEIREDO, Betânia G. **A cidade refletida em museus**. Belo Horizonte. Revista Arquivo Público Mineiro, 2007.

FUNARI, P. P.; PINSKY, J. **Definição de Patrimônio**. Turismo e Patrimônio Cultural. São Paulo. Contexto, 2002.

Fundação Cultural Palmares. Disponível em: < http://www.palmares.gov.br/?page_id=88# >. Acesso em: Abr,2014.

FURTADO, S. ; SOGAYAR, R. **Hospitalidade, um relacionamento global de conhecimentos e atitudes**. São Paulo. LCTE Editora, 2009.

GIANESI, I. & CORRÊA, L. H. **Administração estratégica de Serviços**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOELDNER, C. R. et. al. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB, São Paulo, nº 60, 2o semestre de 2005, pp. 5-25.

GRASSI, M. C. **Transpor a Soleira**. In: MONTANDON, Alain (org.). O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2011.

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade**. Revista Hospitalidade, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2º sem. 2006.

GRINOVER, Lucio. **Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado**. In: Dias, C.M de Moraes (org). Hospitalidade: reflexões e perspectivas. São Paulo. Manole, 2002

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades, Minas Gerais, Brumadinho. Disponível em: <

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310900>>. Acesso em: Nov, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, 2011.

_____. **Museus e Turismo: Estratégias de cooperação**. Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, 2013.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Disponível em: < http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf >. Acesso em: Fev, 2015.

Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico – Histórico do Inhotim. Disponível em: < <http://www.inhotim.org.br/inhotim/sobre/historico> >. Acesso em: Nov, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. O Campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. Disponível em: < <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3306> >. Acesso em: Abr, 2014.

INSTITUTO VIRTUAL DE TURISMO. **Fortalecimento da rede de produção comunitária para o turismo em Brumadinho**. Disponível em: < <http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10538&cat=SUDESTE%20.%20Minas%20Gerais&ws=0> > . Acesso em: Nov, 2013.

JARDIM, Décio L.; JARDIM, Márcio C. **História e Riquezas do Município de Brumadinho**. Brumadinho: Prefeitura Municipal de Brumadinho, 1982.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo. Aleph. 2003.

LA TORRE, Francesco. **Agências de Viagens de Transportes**. São Paulo: Roca, 1992.

- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Documentos pessoais no espaço público do Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV-IEB/USP, São Paulo, 1997
- MINISTÉRIO DA CULTURA**. Disponível em: < www.cultura.gov.br >. Acesso em: Abr, 2014.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Marcos Conceituais**. Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf >. Acesso em: Abr, 2014.
- MOESCH, Marutschka M. **A produção do saber turístico**. São Paulo. Contexto, 2002.
- MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.
- MURTA, Stela M.; ALBANO, Celina. **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- Museus em Números, vol. 1**. Disponível em: < http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf >. Acesso em: Nov, 2014.
- Museus estão entre os lugares mais visitados na Copa das Confederações 2013**. Disponível em: < <http://www.museus.gov.br/tag/turismo/> >. Acesso em: Nov, 2014.
- O gabinete de história natural de Ferrante Imperato**. Disponível em: <<http://pages.infinit.net/cabinet/representation.html>>. Acesso em: Fev/2015.
- OLIVEIRA, Valdir C. **Réquiem para o Inhotim**. São Paulo: All Print Editora, 2010.
- _____. **Mídias locais, memória e comunidade: Um estudo sobre as mídias locais e sua cobertura sobre a história e o desvanecimento da comunidade do Inhotim (MG)**. Jornada Científica Internacional da Rede Mussi, Rio de Janeiro, out-2012.
- OMT – Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao Turismo**. Madrid, 2001.
- POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. In: LE GOFF (Org.). Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2013.
- Prefeitura Municipal de Brumadinho. História de Brumadinho**. Disponível em: < <http://www.brumadinho.mg.gov.br/historia-de-brumadinho>>. Acesso em: Nov, 2014.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo no Brasil: análise e tendências**. São Paulo: Manole, 2002.
- SANTANA, Agustin. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.
- SANTOS, Tarcyane C. **A sociedade de consumo, mídia e a comunicação nas obras iniciais de Jean Baudrillard**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 21, p. 125-136, jun. 2011.

SENA, Roseni R.; LOPES, Rosalba; OLIVEIRA, Juliana G. **Desenvolvendo um território com inclusão e cidadania**. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 4 n. 2, p.91-102, jan./jun. 2011.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T.; LUCHIARI, Maria Terez D. P. (orgs.). **Olhares Contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SIMÃO, Maria C. R. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001.

YÁZIGI, Eduarço (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: contexto, 2002.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cassia A. (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A. Roteiro de entrevista realizada com os empresários do setor de serviços turísticos de Brumadinho durante visita de observação *in loco* entre os dias 17 a 21 de outubro de 2014. E o mesmo questionário foi aplicado entre os dias 09 a 11 de julho de 2015, aos moradores de Brumadinho que não possuem ligação direta com a atividade turística.

1. Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?
2. Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?
3. Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?
4. Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?
5. Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?
6. Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?
7. Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?
8. O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Apêndice B. Entrevistas com os empresários do setor de turismo de Brumadinho

Entrevista B1.

Entrevistado: Leonardo Luiz Esteves

Profissão: Proprietário da empresa de Receptivo BrumaTur

Data: 17 de outubro de 2013

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Leonardo: Eu vejo que há muito que se trabalhar em despertar esse outro olhar do cidadão para que ele enxergue a importância dessa atividade econômica para o município de uma maneira mais rápida e mais eficiente do que a que vem sendo trabalhada. Acredito que sim, há muito o que se desenvolver ainda para ter esse despertar, porque hoje o que está acontecendo é que as pessoas vêm de fora para começar a prestar um outro serviço, enquanto muita coisa poderia ser realizada pela própria população, se enxergassem como mais uma fonte de renda, como uma atividade econômica que funcione mesmo. Mas eu vejo que é precária ainda essa relação.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Leonardo: Não. Por falta de estrutura mesmo, de infraestrutura, por falta de conhecimento da ferramenta que nós temos como o Inhotim, as Serras e até mesmo os outros atrativos que nós temos aqui. Eu acho que o próprio cidadão não conhece bem o município para conseguir ter essa visão de que estamos realmente preparados para receber o outro. Eu acho que a gente tem uma baita ferramenta sem informação.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Leonardo: Eu acredito que seja realmente essa questão econômica, eu tenho certeza que teve um ganho econômico com as pousadas, restaurantes, sobretudo os restaurantes estão mais afastados do centro e isso é uma deficiência, mas mudou assim a cara econômica de Brumadinho, com certeza está ganhando outros contornos em relação ao principal que é o minério.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Leonardo: Sem sombra de dúvida. É como eu estou dizendo, essa atividade turística pontua muito essa questão econômica, que as pessoas não estão dando a devida importância e o turismo não tem uma característica de depredação, de consumo que nem o minério tem. O turismo não tem esse impacto, digamos assim...ele existe, mas em menor escala do que o minério. Mas eu acredito que é por aí o caminho, não temos outra atividade econômica para se desenvolver que não seja o turismo não.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Leonardo: Então, eu não consigo falar do turismo antes do museu porque eu estou aqui apenas há 2 anos e isso é que nos atraiu também né, essa atividade turística. Montamos uma agência de emissivo e logo em seguida veio essa nossa atividade do receptivo como uma oportunidade, já que o Inhotim está instalado no município e fomenta muito essa questão aí dessa prestação de serviços. Foi um dos motivos que nos atraiu.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Leonardo: Com certeza foi essa implantação de novos restaurantes, pois novos restaurantes vieram com a chegada do Inhotim. Muitas pousadas e hotéis que se instalaram na cidade em função do museu. Então eu acho que a maior mudança está nesse aspecto. O nosso empreendimento mesmo foi criado após a abertura do museu, então a cidade ganhou mais infraestrutura, mais opções de serviços nesse sentido, embora ainda falte muita coisa, mas a vinda do Inhotim com certeza trouxe essa pegada mais turística, com mais serviços, mais opções de meios de hospedagem, alimentação e outros serviços agregados ao turismo.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Leonardo: Então, acredito que essa questão da relação com a comunidade ainda é um fator que prejudica um pouco, por um simples detalhe da comunidade não reconhecer que está havendo um fluxo de turistas na cidade, que isso impacta na padaria, na farmácia, no supermercado e que esse pessoal está vindo para trazer dinheiro para o município. Um dos gargalos seria esse, porque se a gente colocar a culpa só no poder público seria muito fácil. Mas ainda falta essa relação nossa, acho que isso nem é o poder público, isso é um papel

nosso de desenvolver isso com a comunidade. Eu acho que está faltando mais diálogo, fazer essa ponte com a comunidade sim. Isso não é só responsabilidade do poder público não. Se a gente for pegar a pauta de responsabilidades, seria essa questão de infraestrutura como estradas, sinalização, isso prejudica um pouco o turismo. Então eu acho que é essas duas coisas, um pouco de infraestrutura e um pouco mais de relação com a comunidade já melhoraria muito essas dificuldades do turismo no município.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Leonardo: Eu vejo da seguinte forma, outras pessoas com certeza irão chegar, irão procurar a cidade e irão trazer outros serviços, outras propostas. Novas idéias chegarão, como as pessoas que já estão aqui vão se desenvolver também. Eu acredito que daqui alguns anos a realidade dessa entrevista aqui vai ser outra, porque a gente vai estar falando mais de coisas boas, conquistas. Eu acho que mais pessoas chegarão e tem espaço para todo mundo. E todo mundo chega com uma idéia nova, com uma proposta diferente e esse despertar da comunidade, do poder público, isso vai acontecer. Seja daqui um, dois ou cinco anos, mas eu acredito que vai melhorar muito, não vai ficar no que está não.

Entrevista B2.

Entrevistado: Luisa Sad Ribeiro

Profissão: Proprietária da Pousada Vista da Serra

Data: 19 de outubro de 2013

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Luisa: Eu acho que Brumadinho era uma coisa antes da gente ter esse “boom” turístico e depois outra coisa depois disso. Eu acho que existe uma visão muito diferente de nós empresários para a população. Eu acho que parte da população está de acordo com esse “boom” turístico e parte da população ainda é conservadora assim, em relação a de não vir muita gente pra cá, de não fazer muita pousada, de não ter muitos restaurantes. Eu acho que tem essa divisão. Eu acho que parte da população é mais conservadora e parte da população concorda que o turismo é uma das fontes de renda principais aqui de Brumadinho.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Luisa: Em parte uma coisa que teve muita importância pra gente foi o Inhotim né? Isso aí eu não preciso nem dizer. Claro que existem opiniões divergentes, mas o Inhotim, o museu ele é para nós, é como se fosse 90% da nossa hospedagem. Por isso, por ter essa grande vinda de gente pra cá e em especialmente gente por causa do Inhotim, eu acho que Brumadinho não está preparada para receber esses turistas. Falta infraestrutura, falta estrada, falta hospital, faltam algumas coisas básicas para poder andar melhor essa relação aí de turistas com empresários, até mesmo para o pessoal vir e ficar mais confortável. Mais sinalização também, mais acesso. Eu acho que em parte sim e em parte não. Eu acho que faltam algumas coisas ainda com certeza.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Luisa: Com certeza financeiramente, o turismo pelo menos para nós ele é a fonte de renda principal. E o turismo eu acho que trouxe alguns avanços aqui para Brumadinho, mas eu também acho que trouxe algumas dúvidas, plantou algumas dúvidas na cabeça dos moradores daqui. Porque veio realmente como uma avalanche sim. Quando o Inhotim foi construído, o pessoal veio pra cá “desarvoradamente”, foi uma avalanche. Então eu acho que tiveram mudanças positivas e eu não diria que mudanças negativas, mas como foi tudo muito rápido,

eu acho que foi um choque. E as mudanças, eu acho que teve que ter um aprimoramento das pousadas, dos restaurantes que para nós da Vista d Serra eu vejo como positivas. Pra gente aqui foram coisas positivas sim, a gente aprimorou a nossa pousada, por exemplo, o nosso passeio ali na frente a gente arrumou tudo porque a gente se preocupa em deixar a região bonita para receber esses turistas. A qualidade na prestação desse serviço eu acho que teve uma melhora muito grande e um aumento muito grande na preocupação com essa qualidade. A minha mãe participa de uma Rede de Empresários que é para isso, para poder melhorar cada vez mais os empreendimentos para receber os turistas.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Luisa: Eu acho que a única saída para o desenvolvimento local é o turismo, tendo em vista o Inhotim, porque Brumadinho também é muito visado pela mineração. Mas eu acho que ultimamente a única saída que eu vejo, tirando educação que é algo em longo prazo, é o turismo.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Luisa: Fraquíssimo! Temos a pousada aqui há 20 anos e posso te dizer que era muito fraco. Aqui na pousada foram uns 12 anos de prejuízo mesmo, porque a gente não tinha público. Vinham alguns gatos pingados de Belo Horizonte e Casa Branca também não era tão conhecido como é hoje para Belo Horizonte, mas depois que abriu o Inhotim começamos a vender para as empresas do Rio, São Paulo...empresas de turismo né? Eu acho que no nosso caso, o Inhotim melhorou em 100% tudo. A nossa qualidade, trouxe mais hóspede, trouxe mais turista, aumentou o fluxo de pessoas na região.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Luisa: Eu acho que a vinda de pessoas de outros estados, vem muita gente de São Paulo, Rio, e Goiás. E a quantidade também, porque vem muita gente mesmo!

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Luisa: Olha a gente tem um embate muito grande com a população daqui, com a população local. Eles acham que quando a gente veio e colocou os nossos empreendimentos aqui, a gente meio que roubou a região. Daí eles acham que isso atrapalha o cotidiano deles. Eu vejo que uma das principais dificuldades que a gente enfrenta é essa, eu acho que a população local conservadora que tem essa ideia de que o turismo prejudica, que não traz desenvolvimento, que vir gente de fora não é bom, porque tem gente que pensa assim né? Eu acho que isso que é a principal dificuldade pra gente.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Luisa: Cada vez aumentar mais. O Inhotim também parece que ele vai aumentar né? E assim, eu acho que tanto o Inhotim quanto a região do Circuito Veredas eu vejo como um atrativo muito grande e só vejo melhorias e mais gente vindo pra cá.

Entrevista B3.

Entrevistado: Alessandra Alves Moreira

Profissão: Proprietária da Pousada Morada dos Pássaros

Data: 19 de outubro de 2013

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Alessandra: Em relação a comunidade eu acho que no início, quando eu cheguei aqui, eu vi um pouco de dificuldade deles aceitarem essa proposta turística. Mas agora, hoje em dia, eu acho que a relação é perfeita, tranquila, até mesmo porque o turismo, ele gera emprego, ele gera muita coisa bacana que a comunidade pode usufruir disso aí. Eu acho que hoje em dia não tem problema nenhum, muito pelo contrário, eu vi gente crescer, vi pessoas, os nativos, a comunidade se beneficiar até mesmo com essa questão turística, com as pousadas, com os restaurantes. Eu hoje em dia não vejo nenhum problema.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Alessandra: De certo ponto sim, na questão de pousadas, restaurantes, acho que hoje em dia melhorou muito. As pousadas e os restaurantes estão aprimorando cada vez mais, assim como o número de pousadas e restaurantes vem crescendo muito. Você vê que as pessoas estão investindo, então nessa questão eu acho que está preparada sim. Agora tem muita coisa a desejar, a infraestrutura de alguns lugares, o asfalto que a gente espera de Casa Branca para Brumadinho, pois isso atrapalha muito pra gente aqui. Então algumas coisas estão deixando a desejar. Mas de certa forma os estabelecimentos eu acho que estão preparados sim.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Alessandra: Essa questão até mesmo do visual, eu senti aqui que principalmente em Casa Branca, muita coisa melhorou o visual, o cuidado dos lugares, a chegada de novas pessoas para poder abrir novos restaurantes, pousadas... É um café que abre ali na esquina que já melhora o lugar. Então muita coisa veio pra cá. As pessoas animaram em abrir negócios aqui devido ao turismo. E eu acho que melhorou muito e até a questão de infraestrutura deu uma melhorada. Tem muita coisa ainda para fazer, mas já são portas abertas.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Alessandra: Vejo, devido até a própria pressão que a gente faz, através da Rede de Empresários, das reuniões. Por mais que a gente tente alcançar certas coisas que eles não dão a mínima, eu acho que tem sim, tem força, o turismo tem força, os empresários têm força e tende a melhorar sim.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Alessandra: Bem mais fraco. Não tinha essa superlotação de hoje em dia. Pra mim a diferença que eu vi foi a seguinte, existia o turismo já aqui, mas bem menor entende? Por exemplo, o turismo aqui era sábado e domingo. Quando tinha pacote, feriado era numa sexta-feira ou numa quinta. Hoje em dia não, hoje em dia o turismo é a semana toda. A semana toda tem gente chegando, a semana toda tem gente para visitar o Inhotim. Pra mim e geral eu acho que o Inhotim aumentou os dias das pessoas estarem aqui e outra diferença grande que eu vi também é que nossos turistas eram de Belo Horizonte e entorno. Pessoas que vinham para descansar. Hoje em dia é São Paulo, Rio, Brasília, então a gente não tinha esse turista de fora. Então hoje em dia o Inhotim trouxe de todo o Brasil e até do mundo, coisas que a gente não tinha aqui, era muito difícil isso aqui, eram mais da região metropolitana por perto. Então ele aumentou a demanda da semana ele trouxe o turista de fora do estado.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Alessandra: É um outro tipo de público que vem pra cá agora, então todos nós fizemos as reformas que tinham que ser feitas, como as melhorias em enxoval, roupa de cama, que no início o Inhotim para nós foi um empurrão, foi quem nos motivou a buscar essas melhorias e a gente querer que o comércio melhore e cresça, que tenha novidades, que seja diferente. Cada um de nós, cada pousada, cada restaurante, investiu para isso. Você pode ter certeza que isso foi em Brumadinho todo. Pelas reuniões e pelas pessoas que a gente conversa, os parceiros, todo mundo investiu um pouquinho.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Alessandra: Eu acho que pra gente, falando daqui de Brumadinho, é a questão do acesso mesmo para Casa Branca. Eu acho que o acesso é uma dificuldade e a distância, pois por ser

uma parte de estrada de terra, às vezes quando você fala isso para o turista ele fica meio assim, resistente, sabe? Então a gente percebe que ele só vai ficar aqui se lá em Brumadinho realmente não houver vaga.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Alessandra: Olha eu fico meio a meio. Ao mesmo tempo que eu penso que vai ser melhor do que é, às vezes eu acho que vai dar uma baixa, não sei, falando num todo. Eu acho que em Brumadinho Sede não vai ter muita mudança não, vai ser o que já está ou vai melhorar pouca coisa. Mas para nós aqui que estamos no entorno, eu tenho uma dúvida se vai ser de fato melhor ou se vai dar uma baixa devido aos outros hotéis que estão criando. O próprio Inhotim está criando um hotel, sendo uma outra alternativa para o turista, podendo ficar lá mesmo. Eu acho que o entorno vai ficar um pouco de fora, a não ser que a demanda aumente muito de forma que continuem precisando do entorno. Eu sou muito esperançosa, eu acho que estará tudo sempre melhor. Eu vou continuar trabalhando, recebendo os turistas...vou continuar fazendo divulgação da mesma forma que eu estou. Mas eu não sei, devido ao crescimento da Sede, o que é bom, isso é positivo, mas pra gente que é do entorno tende a dar uma diferenciada aí, não sei. Igual eu falo né, se acontecer estamos aqui da mesma forma, até mesmo o que nos prejudica nessa questão é o acesso mesmo Casa Branca – Brumadinho.

Entrevista B4.

Entrevistado: Rodolfo de Oliveira Lacerda

Profissão: Proprietário do Restaurante O Rancho do Peixe

Data: 17 de outubro de 2013

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Rodolfo: Bom, eu acho que é uma novidade, é uma perspectiva que vem sendo agregada a vida das pessoas aqui em Brumadinho, elas estão começando a despertar para as oportunidades que essa tendência de desenvolvimento da atividade turística no município vem proporcionando no principal sentido de geração de renda, algumas já estão identificando a oportunidade de trabalhar com produção associada ao turismo como o artesanato, doces, quitandas, compotas e uma série de outros produtos e acredito que é mais uma questão agora de uma contrapartida da administração pública criar situações para que as pessoas tenham mais oportunidades de usufruir desse momento.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Rodolfo: Acredito que Brumadinho está preparada até um determinado ponto. Na perspectiva da gastronomia o município hoje ele tem a capacidade de recebimento relativamente grande, existe uma variedade, existe uma oportunidade de vários empreendimentos se destacarem pela dinâmica até mesmo de produtos, você tem desde a gastronomia mineira, contemporânea, árabe, espanhola, uma série de opções aí em que as pessoas podem estar usufruindo, então eu acredito que seja perfeitamente viável. A dinâmica da hospedagem vem se tornando também representativa, cada vez mais empreendedores vem tanto adquirindo propriedades com o objetivo de estar investindo posteriormente como alguns já estão construindo efetivamente projetos grandes. Na questão dos atrativos nós estamos razoavelmente posicionados também aí no contexto mineiro, pois possuímos atrativos de representatividade, que eu os coloco como nacional e internacional, o Inhotim é um deles, tirando o Inhotim nós temos no município uma série de empreendimentos que são representativos no contexto do Barroco Mineiro, da história do desbravamento de Minas, então eu acredito que temos aí oportunidades de oferecer muitas oportunidades, possibilidades de atrativos para esses visitantes.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Rodolfo: Bom, eu acredito que a própria dinâmica de povoamento, principalmente no que compete a área rural que é três quartos do município que representa hoje, foi influenciada pela dinâmica do turismo. O próprio voo livre que é uma atividade aqui das mais antigas em termos de atrativos, esporte turístico no município, eu acho que influenciou muito isso. E as pessoas vindo para a região, e sendo uma região tão próxima de Belo Horizonte, tão preservada, tão arborizada, com uma comunidade local tão receptiva, foi de uma certa forma direcionando esse povoamento, mas dentro de uma dinâmica de pessoas que tinham a perspectiva de ter uma outra alternativa de um lugar tranquilo, bacana, preservado, que eles pudessem também manter essa dinâmica. Então eu acredito que o turismo influenciou e vem influenciando a vinda de pessoas que tenham o interesse não de explorar, tirando as mineradoras no caso, mas com o objetivo de preservar, de vivenciar esse espaço aqui, que é tão preservado hoje e tão próximo do grande centro urbano que é Belo Horizonte.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Rodolfo: Eu vejo o turismo como uma ferramenta de desenvolvimento, geração de renda. Temos a possibilidade de trabalhar essa perspectiva de forma sustentável. Hoje nós temos aqui já vários empreendimentos que estão em operação, vários empreendimentos que estão chegando, mas a própria comunidade é o nosso desafio de mostrar que essa perspectiva de alternativa de se trabalhar desenvolvimento de renda dentro do município eu acredito que pode vir a representar aí o grande diferencial, que também é uma expectativa de vários atores que vêm fazendo parte do contexto e do desenvolvimento do turismo no município, dentro dessa perspectiva de ser também um fator que vem a substituir posteriormente uma das formas principais de renda do município, que atualmente vem sendo da mineração. O turismo bem trabalhado ele pode abrir essa perspectiva e uma das coisas que a gente vem observando é que várias políticas públicas vêm direcionando para isso, então a gente tem a oportunidade de observar que nesse cenário a própria influência e a referência de outros estados, de outros municípios vêm demonstrando que essa dinâmica ela é atividade interessante, que pode ser bem trabalhada. Eu acredito sim.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Rodolfo: Eu coloco que o turismo era uma dinâmica bem rural, como se diz “aquele passeio na roça”, eu tive a oportunidade de vivenciar muito isso aqui como empresário do município, a minha família iniciando esse empreendimento há 23 anos atrás, a gente observava muito que

as pessoas vinham justamente para vivenciar um lugar tranquilo, de visitar fazendas, de encontrar pessoas, de comer aquela comida tradicional de roça. Antes do Inhotim a base era bem mais dentro desse contexto, eu também lembro que o esporte aqui que foi o primeiro mais representativo que foi o voo livre, que entrou no município foi um ponto de partida também para viabilizar o conhecimento desse espaço, na época os pioneiros do voo livre também mais se identificaram com essa característica dessa comunidade local, que foi muito receptiva, e tinha essa cultura toda de fazenda, e eu acredito dentro dessa dinâmica, a gente tem muito disso ainda, infelizmente, um pouco se perde ao longo do tempo, mas ainda é uma característica nossa.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Rodolfo: A questão de dificuldade é que ela está um tanto mais ligada a uma postura do próprio empresário ou do grupo de empresários que está atuando frente a dinâmica do turismo, em estar procurando promover mudanças nesse cenário, quanto os próprios agentes envolvidos, os agentes públicos no caso, dentro dessa dinâmica. Essa dificuldade ela talvez mais voltada para o diálogo entre as entidades que estão envolvidas, públicas e privadas. O que eu percebo mais é que se você tivesse um diálogo mais próximo, e você conseguisse interagir mais dentro das dinâmicas de trabalho, de geração de oportunidades, de reflexões mesmo em cima da dinâmica do turismo, você teria mais resultados, porque a sensibilização do turismo ela tem que acontecer em todas as estâncias para você promover uma mudança. A mudança do turismo ela está mais voltada para como que as pessoas assimilam a ideia que se propõe a desenvolver uma ação, do que ao fato mesmo de um posicionamento isolado. Porque ter regras, ter uma linha, uma trajetória, um ideal para seguir, não somente cria a mudança dentro desse contexto, mas você tem que agir. E o turismo é uma atividade muito dinâmica e que envolve uma série de ações, iniciativas, de parcerias, de tudo que se compõe essa dinâmica do turismo. Então eu acredito que esse é o nosso grande desafio.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Rodolfo: Eu vejo como uma tendência pela própria característica do município de ser um município como uma extensa área verde preservada, com um contexto histórico-cultural muito marcante com base no desbravamento de Minas Gerais, na formação do Estado de Minas Gerais. Eu acredito que seguindo essa tendência, dentro de políticas públicas e até

mesmo no que hoje vem sendo influenciado pelo Ministério do Turismo e Secretaria de Estado, eu particularmente trabalhando nessa área de planejamento eu percebi que tem muito material agora, nós desenvolvemos muito rapidamente, de um curto espaço de tempo pra cá, e essas ferramentas são ferramentas que geram oportunidades da gente planejar melhor, avaliar melhor, inserir esforços mais direcionados em determinadas ações, programas e atividades que anteriormente talvez a gente não vislumbrasse tanto, então eu acredito que nós temos essa tendência e nós temos a oportunidade de fazer, nós temos a oportunidade de destacar o município de Brumadinho num cenário estadual, nacional e internacional, o que vai realmente fazer grande diferença aí dentro dessa perspectiva mesmo são os agentes, são os parceiros, como que a gente vai conseguir montar essa rede, articular esse trabalho aí de parcerias e realmente fazer acontecer.

Entrevista B5.

Entrevistado: Glayson de Castro Lima e Silva

Profissão: Proprietário da Serra da Moeda Escola de Vôo Livre

Data: 17 de outubro de 2014

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Glayson: Eu acredito que a grande massa da população da cidade, apesar de já ter vários incentivos hoje em termos de cursos né, oferecidos a grande população e até mesmo ao micro empresário relacionado ao turismo, ainda acho que é muito pouco ainda, não só as oportunidades que são apresentadas a essa população, mas também, a informação turística para essa população. Muitas das pessoas acredito que não se envolvem tanto com o turismo local porque não veem algumas ações acontecendo. Acho que falta um pouco mais de divulgação e inserir essa informação nas pequenas comunidades, comunidades que estão um pouco mais afastadas.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Glayson: Eu acredito, aliás, eu tenho certeza de que o município de Brumadinho tem uma capacidade muito grande de receber qualquer tipo de turista nessa cidade. Várias ideias já foram plantadas há alguns anos em relação ao crescimento da gastronomia, da qualidade, é importante frisar que realmente existem muitas pessoas vindo para Brumadinho investir no setor turístico, pessoas que vão construir pousadas, existem várias pessoas... E os que aqui já estão instalados têm total capacidade para receber o turista. O que deixa a desejar as vezes é o simples fato do município ser um município grande, com uma cultura geral não tão voltada para o turismo, e que dificulta um pouco você ter uma base bem preparada para receber o turista. Mas o caminho acho que já foi plantado há bastante tempo, tem ótima qualidade em todos os níveis de atendimento, e eu acredito que sim, que a gente está bem preparado.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Glayson: Acho que a principal e o resto é consequência é o crescimento da quantidade de pessoas que passaram a conhecer o Vale do Paraopeba. A gente não tinha um fluxo grande de pessoas visitando a região. Inhotim é sim um grande chamado para a região, não só para o turista que vem de outros estados, ou estrangeiros, mas principalmente também para o turista

que está aqui do nosso lado né, são 4 milhões de habitantes há 30km de distância desse centro natural. Então eu acho que o maior ganho foi realmente foi mostrar para essas pessoas que o município é grande, tem vários atrativos e atividades pertinentes a natureza e ao turismo, e ter o fluxo maior de pessoas aqui é o primeiro passo para que o movimento turístico cresça na região. Então, acho que o maior ganho foi aumentar a quantidade de pessoas conhecendo a região turística de Brumadinho, o resto é consequência.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Glaysen: Com certeza, a população da cidade está muito, até o momento, ligada a atividades rurais, atividades de comércio local, as grandes empresas da região são mineradoras, e a gente tem, historicamente falando, o conhecimento que a mineração na nossa região ela não vai durar para sempre, a fonte de recursos públicos que é investido na cidade não vai durar para sempre, as próprias empresas sinalizam para as políticas públicas que essas políticas têm que voltar para outros setores, e o nosso setor principal aqui na região é o turismo. Então eu acredito que a gente tem que trabalhar cada vez mais esse setor, apesar de que no atual momento a gente tem um apoio ainda bem pequeno relacionado a questão de infraestrutura da cidade, algumas coisas que dificultam um pouco o próprio crescimento do setor, mas a população da cidade que se interessa, que está crescendo, que está estudando, os jovens que estão trabalhando hoje no Museu Inhotim como guias, já são até mesmo pessoas que vão se tornar formadores de opinião e que vão plantar essa semente aí do turismo na cidade e que vai fazer as pessoas trabalharem, aumentar a renda, a criarem estabelecimentos, a criar um turismo de base comunitária, que é muito grande na região e tem um grande potencial, então acho que é bem viável e é o caminho que está sendo seguido.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Glaysen: O Inhotim veio para o município como indutor e na minha visão na área do esporte ele veio agregando às famílias dos praticantes que vinham para a região fazer suas atividades, e não tinham um ou outro atrativo para direcionar suas famílias, eles acabavam até se afastando um pouco da região. Existe o Clube de Voo Livre aqui na região e com a abertura de um empreendimento próximo como pousadas, hotéis, restaurantes e o próprio Inhotim a gente tem, por exemplo, um fluxo de fim de semana que você pode considerar que ele aumentou de 30 pessoas visitantes para 500 pessoas por dia. Isso porque a região tem crescido e é impossível você falar que o crescimento da região não acontece pela presença do Inhotim.

Então o Inhotim é sim um indutor, um dos portais de entrada do município é a Encosta da Serra, é por onde passa a grande maioria das pessoas que veem visitar o município, e todas essas pessoas passam pela região onde acontece o voo livre e acabam aumentando ali o fluxo de pessoas e visitantes, e também o fluxo de praticantes, que passam a conhecer o esporte, conhecer a região, consomem na região, montam empreendimentos, criam condomínios residenciais...nós temos aqui mais de 50 praticantes de voo livre que moram na região, que compraram imóveis aqui na região depois que começaram a praticar o esporte.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Glaysen: Eu acho que existe sim o desafio das pessoas né, dos agentes, seja público, seja privado, existe uma deficiência individual em cada um agente de querer fazer acontecer, acho que isso existe sim, depende de nós, o caminho é a gente que cria. Mas num local onde se fala turismo rural, turismo cultural, se não tiver alguém que seja talvez o agente principal e que tome frente desse movimento as coisas não funcionam. Porque historicamente existe um cansaço desses agentes com relação a região. Então muitas pessoas tentam ou tentaram fazer ações para facilitar o turismo, para o crescimento do turismo e esbarraram em várias dificuldades, dificuldades relacionadas a questão municipal de estrutura, relacionadas a dificuldade de seus próprios rendimentos, por ser um local que você está em área rural, você está distante, você tem que trazer essas pessoas para a região, então eu acredito que falta sim a ação individual dos agentes, mas falta também um líder que seja público, privado, para que eleve esse grupo e faça com que as ações realmente aconteçam. Se essas ações acontecerem, aí sim é só continuar o caminho.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Glaysen: Eu vejo várias vans saindo de Belo Horizonte vindo visitar os restaurantes, ficar nos hotéis, visitar o museu, visitar o voo livre, fazer o turismo rural, é isso que eu vejo. Eu vejo um fluxo de pessoas maior, vejo os agentes que estão aqui hoje trabalhando para que o turismo aconteça realizando seus sonhos. Existe um ditado que diz “Minas não tem mar, então a gente vai para o bar!”, a gente tem aqui uma qualidade gastronômica maravilhosa, a gente tem 4 milhões de habitantes ao redor, a gente tem um estado muito bonito, a gente tem tudo, ou melhor, o estado, o município e as pessoas tem tudo para atender bem essas pessoas que estão, basicamente, que são os clientes maiores, ao lado da gente. Nós estamos falando da

capital do estado com aeroporto internacional do lado. Então eu espero que daqui 5 anos, todas as ações que estão sendo propostas hoje e já há algum tempo sejam realizadas e o fluxo turístico nosso aqui seja uma coisa muito normal e que toda sexta-feira uma família saia de Belo Horizonte com a ideia de passar um fim de semana agradável do lado de casa num ambiente muito bacana.

Entrevista B6.

Entrevistado: Pedro Henrique da Silva

Profissão: Turismólogo, Secretaria de Turismo de Brumadinho

Data: 21 de outubro de 2014

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Pedro: A conscientização da população acho que já partiu bastante de seis anos para cá, aliás oito anos para cá, desde o início do Inhotim. O Inhotim trouxe uma nova perspectiva para o turismo em Brumadinho. Desde então essa perspectiva da população com relação ao turismo veio mudando um pouco. A partir do Inhotim as pessoas viram a necessidade de novos empreendimentos, oportunidades de estar empreendendo, melhorando a qualidade do atendimento no turismo. Então eu acredito que o turismo em Brumadinho ele está caminhando, mas embora um pouquinho lento ainda. Falta um pouco mais de conscientização das pessoas para a importância do turismo.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Pedro: Segundo o Ministério do Turismo, Brumadinho é hoje um dos destinos indutores. Fica dentro dos 22 destinos indutores de turismo de Minas Gerais, então Brumadinho hoje tem serviços e equipamentos de apoio ao turista, tem infraestrutura de apoio ao turismo, e nós temos atrativos sim. Então o município tem equipamentos sim, existem profissionais capacitados sim, embora que, há algumas deficiências ainda. Alguns trabalhos ainda precisam ser trabalhados mesmo, mas muito disso está em função ainda da sensibilização e mobilização da população local.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Pedro: Aumento de emprego e renda, hoje o turismo ocupa a segunda colocação dentro do município como gerador de emprego e renda. E a questão mesmo de mudança do pessoal, eu acredito que o turismo, apesar dele ter vários impactos positivos, e em alguns casos negativos, mas eu acho que a mudança de vida da pessoa ela muda quando você está dentro de um destino indutor de turismo. Então toda essa troca, todas essas pessoas que circulam pelo município hoje permite uma interação e até mesmo uma visão de planejamento da própria população mesmo.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Pedro: Com certeza! Hoje, depois da mineradora, o município hoje tem o turismo como a segunda maior economia. Então assim, com certeza o turismo ele está aí. O turismo hoje é praticamente tudo. Na verdade, a diversidade cultural, e turística do município é muito grande e muito abrangente. Então nós temos vários potenciais aqui e vários potenciais que não são explorados, que devem ser explorados, então com certeza Brumadinho tem um potencial turístico muito grande.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Pedro: Já se tinha um turismo na verdade né? Mas faltava divulgação, faltava promoção do que se tinha em Brumadinho e faltava também uma concepção do pessoal do que realmente é o turismo, qual que é a importância do turismo...E na verdade o Inhotim ele veio como um indutor. A partir da chegada da instituição do Inhotim a concepção do pessoal mudou um pouco em relação a isso. Brumadinho hoje, segundo o Ministério do Turismo, é o segundo maior em número de visitação de Minas Gerais, perdendo apenas para Tiradentes, perdão... Ouro Preto! Então vem Ouro Preto e Brumadinho. Por exemplo, no ano passado o Inhotim teve aproximadamente 383 mil visitantes durante o ano, isso são informações e também público muito relevante. Então assim, acredito que hoje Brumadinho ele está visto tanto nacionalmente, tanto para turismo doméstico, tanto para o turismo internacional, e hoje nós conseguimos aí através do Inhotim melhorar, aprimorar, capacitar, e principalmente expandir a nossa oferta turística. Que é entre hospedagem, alimentação, receptivo.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Pedro: Na verdade foi até mesmo a melhora do aumento do número mesmo de serviços e equipamentos de apoio ao turismo. Nós não tínhamos há quatro...seis anos atrás, em 2008, tínhamos apenas um hotel, então a oferta turística cresceu, hoje nós temos quatro hotéis. A oferta turística hoje dentro do município é muito grande. E eu acredito que para o empresariado mesmo, ele visualizou oportunidades de estar empreendendo e vendo que o turismo é a única saída aí da geração futura nossa aí. Daí daqui 30 anos, 20 anos, não sei o tempo certo, mas a mineradora está indo embora e nós temos que vivenciar o turismo. Nós

temos que trabalhar o turismo hoje pensando no amanhã, porque a maior economia do município futuramente será o turismo com certeza e maior geradora também de emprego.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Pedro: Na verdade falta mais uma articulação compartilhada, comunidade, empresariado, iniciativa privada, e as instituições públicas, porque muitas vezes todos tem planejamento, mas cada um caminhando para uma direção, então eu acho que na verdade falta aí um senso comum. O que é que nós queremos do turismo? Integrar essas informações, compilar essas informações e trabalhar no mesmo foco aí.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Pedro: Eu espero do turismo é que nós chegamos, que nós nos tornamos um destino cada vez mais competitivo, da gente chegar a ponto de competir com Ouro Preto, com São João Del Rey, com Tiradentes, e ter produtos que vem realmente atrair turistas cada vez mais e principalmente ter qualidade, melhorar a nossa qualidade. Hoje quando o visitante ele compra, ele adquire um produto, ele adquire sem saber realmente como que é esse produto. Então a pessoa que está vindo para Brumadinho, talvez ele está vindo com o intuito de vir para o Instituto Inhotim, é uma coisa. Mas quando ele vem para o município, quando ele está vindo para o Inhotim, automaticamente ele está adquirindo um produto que é o município, só que ele vem sem saber o que ele vai encontrar, ele vem no escuro. Então na verdade o que nós temos que ter é o que? Ter um turismo organizado, trabalhar com o turismo mais organizado e saber direcionar as nossas diretrizes aí futuramente para o desenvolvimento do turismo.

Entrevista B7.

Entrevistado: Karla Talita Silva Linhares

Profissão: Diretora de Turismo, Secretaria de Turismo de Brumadinho

Data: 21 de outubro de 2014

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Karla: Eu acredito que a população em si não participa diretamente, até porque acho que ela não tem nem entendimento da dimensão que o turismo representa pra gente aqui. Então eu acredito que ela não participe. Tem muita gente de Brumadinho mesmo que nunca foi ao Inhotim. Não sabe o que o Inhotim significa para o turismo, que é algo de escala mundial. Para Brumadinho, claro que é um indutor, não tem como se negar, mas as pessoas ainda não têm esse entendimento, a população em si não entende isso.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Karla: Olha de forma de planejamento eu acredito que não, tem algumas coisas que precisam ser melhoradas, por exemplo, o que está sendo feito agora que é a questão de sinalização. Eu acredito que esse vai ser um passo muito grande. A questão também até do atendimento ao turista, tanto pelo CAT (Centro de Atendimento ao Turista), quanto até mesmo a recepção em bares, hotéis...Então eu acho que deve ser feito, até mesmo através de um SENAC ou um SESC não sei, vir aqui fazer uma consultoria, para o atendimento em si, tipo garçom...porque as pessoas precisam começar a preocupar com pessoas que falam mais de uma língua, porque a gente está tendo essa procura de turistas de outros países. Falta qualificação da mão de obra local. Isso é muito importante.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Karla: Na Sede em si eu não vejo...bom, eu conversei com alguns comerciantes da Sede e eles me falaram que o turismo em si para eles não traz muita mudança, mas o entorno, por exemplo, Casa Branca, onde você vê mais pousadas, apesar de que hoje em dia na Sede já tem hotéis, que inclusive tem o tempo todo demanda de turistas, mas alguns tipos de comércio, comércios que não são ligados diretamente com o turismo eles não entendem, eles não tem o entendimento que o turista às vezes precisa passar numa farmácia, ou em outro lugar, mas enfim, eu acho que houve sim uma mudança muito grande, principalmente no entorno, e não

só na Sede de Brumadinho. Teve um crescimento muito grande de turistas, as pessoas hoje estão procurando Brumadinho. O fluxo turístico aumentou muito, porque com o Inhotim, Brumadinho está sendo conhecido mundialmente, e dessa forma o fluxo turístico aumentou demais, então isso obrigou de uma certa forma esses empreendimentos a surgirem, por exemplo, Brumadinho há três, quatro anos atrás não tinha pousada igual a gente tem na Sede. Não tinham esses hotéis há dois anos atrás. Então assim, foi uma questão importante para o aumento do fluxo turístico.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Karla: Claro, porque o turismo envolve várias áreas primeiramente. A área econômica, tem várias vertentes. Brumadinho, hoje a gente sabe que a principal fonte econômica de Brumadinho é a mineração, que tem muita gente que fala que isso tem um tempo contado, que vai acabar, outras dizem que não. Mas enfim, Brumadinho tem que procurar outras formas de economia, e o turismo é uma delas. Então assim, a gente tem que se pautar nessa questão. O turismo ele traz para o município, assim quando ele é planejado, como qualquer outro tipo de economia, de forma planejada o turismo pode dar um crescimento muito grande para o desenvolvimento econômico da cidade.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Karla: Se baseava somente no entorno, Casa Branca né? Mais Casa Branca eu acredito, que aí que não tinha nada na Sede mesmo. Antes do Inhotim, as pessoas tinham menos ainda entendimento sobre turismo. Hoje se fala em turismo em Brumadinho com mais frequência depois que o Inhotim chegou. Porque até então, esse pequeno entendimento que a população hoje tem, ele quase não existia.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Karla: O fluxo de turistas né? Principalmente para a questão de hospedagem, eu acredito que agora... eu já liguei para alguns hotéis e pousadas daqui de Brumadinho e é complicado você achar vaga dependendo do dia, entendeu? A gente tem fluxo de gente sendo hospedada aqui o tempo todo. Então o fluxo turístico aumentou bastante, muito né? Tem mudado a qualificação também, de uma certa forma. Alguns empreendimentos, algumas coisas abriram depois que o Inhotim veio pra cá. Por exemplo, a ideia de fazer um empreendimento que atendesse um

turista mais exigente, isso aconteceu depois que o Inhotim chegou. Então essa questão até que eu tinha dito a questão da qualificação, ela melhorou sim, mas ainda precisa ser feita.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Karla: Olha, eu acho que é a questão mais burocrática, as questões que têm que ser feitas da forma correta né? As questões burocráticas. A questão de demanda também, as demandas do departamento são muitas coisas, que têm que ser pautadas em questão de demanda para o turismo acontecer mesmo, e o entendimento dessas pessoas. O fato delas entenderem a importância do turismo para o município. Falta uma sensibilização da população para esse entendimento.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Karla: Eu espero que ele cresça que ele tenha um significado muito grande econômico para o município, que ele cresça bastante, que ele seja fomentado da forma mais correta e mais planejada possível, aproveitando todos esses potenciais turísticos que a gente tem, todos esses atrativos que nós temos aqui, que são vários. E é isso, é o que eu quero, que ele cresça mesmo, mais do que ele já aumentou, mas é o que a gente vai trabalhar para fazer.

Entrevista B8.

Entrevistado: Suely Maria Ribeiro

Profissão: Proprietária do Restaurante Casa Velha

Data: 19 de outubro de 2014

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Suely: Falta informação. A população de Brumadinho está mal informada sobre o potencial turístico de Brumadinho. E uma coisa que me incomoda muito, muito, que me dói, é ouvir “O que é que tem em Brumadinho? Ah, em Brumadinho não tem nada, ô lugar feio!”. Entendeu? A cidade precisa de um carinho, um capricho? Precisa! Ficou até bacana a parceria com o Inhotim, muito bacana e precisa, mas a maioria quer detonar. “Não tem nada aqui não!”. E isso parte desde quando eu trabalhei na Câmara dos Vereadores, os meus colegas do Legislativo falaram comigo, o que é que tem em Piedade do Paraopeba? Gente acessa www.portaldebrumadinho.com.br para vocês verem o que é que tem em Brumadinho, é o melhor lugar para você ver o que é que tem, não é? “Ih, Piedade só tem veitaria...”. Eu falei nossa gente, que vergonha! Falei desse jeito. Falei gente que coisa feia, vocês são do Legislativo, vocês têm noção do que é um Legislativo? Um representante do Legislativo falar um absurdo desse. Parece que está lá assim, de vaquinha de presépio, sim senhor, não senhor, sabe? No geral, a população se envolve pouco, falta de informação e também não se importam muito, mas isso porque são mal informados, porque a partir do momento que eles forem bem informados, que tiver uma coisa bem feita, o poder público deveria fazer um trabalho com a população de mostrar a importância do turismo para o município, pois hoje já somos a segunda fonte de arrecadação do município, então o que peca é isso. Porque esse papel é um papel do poder público, dele mostrar dentro das escolas para as crianças, valorizar, mostrar que realmente isso aqui é o futuro de Brumadinho quando já não tiver mais as mineradoras. Para Brumadinho não se tornar uma cidade dormitório, a saída é o turismo, nós não temos dúvida, até mesmo pelo indutor que nós temos aqui. E depois partir para agricultura familiar, turismo de base comunitária, artesanato, feirinhas, cooperativas.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Suely: Não. O turista se perde, o turista fica mal informado, não sabe para onde ir, se perde, falta sinalização, falta melhoria em estradas, e a maioria acha que está preparada, mas não está. E o que é que o turista está buscando muito? Ele quer ser bem recebido, ele quer que

tenha carinho com ele. Não precisa de você ter luxo, casa linda maravilhosa não, mas você tem que ter carinho, servir uma coisa de qualidade. Acho que falta mais carinho com o turista, atenção. Eu até peguei pesado em falar que não! Não é que não esteja, não preciso falar que não está preparada, mas ainda falta melhorar. Não é que não esteja, falta melhorar. Então como resposta final posso dizer que não está preparada, porque precisa melhorar. Ainda não está naquele patamar que o turista quer.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Suely: Fazer o município enxergar as belezas naturais dele, a população né, começou a enxergar o que o município tem de bom, de bonito. Acho que ensinou a gente a valorizar mais o que a gente tem. E também o turista fez a gente valorizar as nossas coisas, por exemplo, o artesanato, o turista chega e começa a apreciar o que que ele tem, o que que está bonito ali, o que é que tem de gostoso, o que é que tem para eu levar, sabe? Então, fez isso. Os olhos do cliente ele avalia tudo, ele investiga tudo, ele quer saber por que que você está ali, porque que você planta, o que que você faz, sabe? Então isso está valorizando a nossa terra.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Suely: Claro, eu acho que cada dia que passa tem mais pessoas indo, fazendo a propaganda de que aqui é gostoso, de que aqui é um lugar gostoso de passear, de comer, dormir, o friozinho daqui as pessoas adoram, e isso está se alastrando, então muitos estão querendo vir para passar três dias, ficar uma semana. E isso vai ajudar no desenvolvimento local. Aqui mesmo em Córrego do Feijão, querem comprar terras aqui, mas não tem! Porque a Vale é dona de muitas terras aqui, então a especulação imobiliária aqui não tinha, e hoje tem. E o que está acontecendo aqui, está acontecendo no entorno todo.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Suely: Em Casa Branca sempre teve turismo, na Encosta da Serra sempre teve turista, só que com a chegada do Inhotim alavancou mais o turismo. Alavancou muito, muito o turismo. Vem muitos estrangeiros para visitar o Inhotim, o turismo era amador entendeu? Tipo assim, a gente estava começando a caminhar. Em função da localização do município, de estar muito próximo da capital, as pessoas vinham em busca de descanso. As pessoas iam para a Encosta

da Serra da Moeda com o objetivo de descanso, não iam para a Sede de Brumadinho, e hoje é diferente. Então atraiu o turista de Belo Horizonte pra cá, de fora pra cá, internacional pra cá.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Suely: Eu acho que foi a presença de mais pessoas, Brumadinho começou a ter um fluxo de turistas, o fluxo de pessoas aumentou. E aqueceu o mercado. No início foi uma loucura devido à procura. E a questão da qualidade também, a gente teve que se adaptar a esse novo público, houve essa preocupação para atender esse público de outro nível, porque se você não atender você vai ficar para trás, você está fora. Aí você já preocupa, por exemplo, com um atendimento melhor, com mais carinho com o cliente, uma coisa que o cliente ama é você chegar na porta e falar bom dia, meu nome é Suely e o seu qual é? Ele já fica feliz, são detalhes, mas que fazem a diferença. Às vezes você tirar o paninho de cima ali e dizer, olha isso aqui é um doce de avó... Você ensinar o turista a comer um angu, porque o paulista e o carioca não sabem comer angu não, o que não é um defeito, se é um costume nosso, ele nunca comeu angu e gosta de polenta, eu ensino para ele como que ele vai comer.

Larissa: Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam para desenvolver ações de fomento ao turismo local?

Suely: Eu nunca tinha passado dificuldade em mão de obra porque eu não tenho preguiça de ensinar. Eu não tenho preguiça, nem eu e nem o Fernando. Nós não temos preguiça de ensinar. Nós é que treinamos a nossa mão de obra, mas se eu tivesse preguiça de treinar, de fazer a nossa mão de obra, seria a mão de obra. A maior dificuldade mão de obra qualificada, não tem! Agora, eu falo que eu estou tendo dificuldade esse ano porque eu perdi uma cozinheira, que já estava treinadinha do jeito que a gente gosta, e tal, desde quanto nós abrimos o restaurante. Mas eu não tenho preguiça de treinar meus funcionários. Aqui não tem mão de obra qualificada e essa questão é geral. E tem outro problema, as pessoas também não querem.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Suely: Eu acho que a maioria dos empreendedores não “vão estar preparados”. Eu vejo que vai chegar num ponto em que “vai bombar”, e aí eu acho que eles vão queimar um pouco, porque eles não querem se preparar. As pessoas não querem se preparar, no caso, os

empresários. A maioria não dá o braço a torcer, quantos cursos que são oferecidos, que vão embora por falta de interesse dos empresários? Eu vejo que esses empreendedores pequenos serão engolidos por grandes investidores, na hotelaria, nos restaurantes... Na hora que começar a chegar coisa boa aqui mesmo, eles vão engolir todo mundo. Agora, eu vejo para o município que teremos mais plantações, mais hortas comunitárias, que o turista vai ficar encantado com essas coisas, e eu acho que daqui uns anos, eu acredito que a região de Brumadinho vai ter muita opção de turismo rural. Pequenas fazendinhas charmosas recebendo as pessoas. O turismo vai se desenvolver por si só, buscando outros caminhos e vai se desvincular do Inhotim. É claro que o Inhotim hoje é um incremento, é o que está alavancando o turismo, mas o município em si é muito rico, é muito mais do que isso, não é só Inhotim. Tem a questão do esporte de aventura que só tende a crescer, a questão do turismo rural, onde as pessoas tendem a ter mais consciência do que dá para fazer. Com certeza daqui uns anos muita coisa vai melhorar nesse sentido.

Apêndice C. Entrevistas com os moradores de Brumadinho que não possuem ligação com a atividade turística.

Entrevista C1.

Entrevistado: Lucas Custódio de Souza Laurindo

Profissão: Comerciante - Proprietário da Casa de Tintas

Data: 09 de julho de 2015

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Lucas: A situação atualmente está em andamento, porque é uma inovação esse museu na cidade. Então assim, está devagar por falta de incentivos. A Prefeitura podia incentivar mais, o que fica a desejar um pouco, mas você vê que a população está correndo atrás de melhorias para isso. Mas eu ainda vejo poucas mudanças na cidade, principalmente na Sede, mas mais para o lado de Casa Branca já tem muitas pousadas, muitos hotéis diferentes, mas aqui na cidade ainda está devagar. Até apareceram uns hotéis novos aí, mas eu acho que ainda está bem devagar a coisa. Já o movimento na cidade em si aumentou muito, mas para o comerciante não mudou nada, esse movimento só impactou no trânsito e para os hotéis, porque para o comércio em si, é pouco ainda.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Lucas: Não, porque a cidade não suporta o trânsito, não temos vias públicas para isso. Não temos, por exemplo, uma área destinada ao artesanato de Brumadinho, nem isso tem para o turista levar e ainda temos difícil acesso para muitas localidades aqui dentro, é devagar isso aí.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Lucas: Emprego. Esse Inhotim mesmo, um exemplo que eu tenho para te dar, porque foi um grande gerador de emprego na cidade. Tem muita mão de obra de fora trabalhando aí, mas é coisa que Brumadinho não tem “né”, a especialização da mão de obra, isso ele vai buscar fora daqui, mas a geração de emprego em si, foi muita. Deu uma defasada agora por causa da crise econômica “né”?

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Lucas: Pode com certeza, porque abrange artesanato, abrange cultura, isso chama a atenção de muita gente ligada a cultura m si. Brumadinho mesmo tem seus poetas, gente da arte mesmo, gente do artesanato, já tem muita gente conhecida assim na área, e eu acho que a tendência hoje é aumentar.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Lucas: Brumadinho era uma cidade do minério. É hoje ainda, mas já tem mais uma evolução comercialmente assim, a respeito do Inhotim “né”? Brumadinho era uma cidade mais ligada ao minério de ferro mesmo, era uma cidade mais devagar, era um lugar assim com preços mais acessíveis. O custo de vida ficou caro. O Inhotim foi a culpa de inflacionar isso aí mesmo. Para você comprar um lote hoje é um absurdo, o preço dos imóveis foi a principal mudança disso tudo, o Inhotim fez aumentar muito por causa da especulação imobiliária. Para quem mora aqui ficou “puxado”. Porque ele (o Inhotim) pegava um terreno que valia, vamos supor duzentos mil reais e pagava um milhão de reais pelo terreno. Aí isso inflacionou Brumadinho de um jeito que para uma pessoa comprar um lote aqui hoje e construir ficou muito difícil. Se a pessoa não tiver dinheiro, ela não “decola”.

Larissa: Quais são as maiores dificuldades que você percebe que interferem no desenvolvimento do turismo em Brumadinho?

Lucas: Brumadinho não tem uma “chegada bacana” (entrada da cidade), um ponto para o turista chegar e fazer um lanche, um lugar para poder ver os artesanatos da cidade, Brumadinho não tem... Falta infraestrutura, pavimento mesmo sabe? Um lugar para chamar atenção, tipo assim, teve um projeto lá em frente a quadra de esportes que ia fazer uma feirinha de sábado, para tentar chamar a atenção, para ver se funcionava de segunda a segunda, e não foi para frente. A Prefeitura não ajuda! “É” muitos contratemplos que “aparece” na cidade entendeu? Não tem isso, tipo, vamos lá para Brumadinho porque tal lugarzinho lá tem uma feirinha “bacaninha” e depois a gente vai para o Inhotim. Isso Brumadinho não tem.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Lucas: Eu espero infraestrutura para a cidade. Eu acho que o turismo pode trazer isso, com certeza.

Entrevista C2.

Entrevistado: Luana Santana Amara

Profissão: Funcionária Pública

Data: 09 de julho de 2015

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Luana: A população de Brumadinho é carente na verdade, porque nós temos várias coisas turísticas aqui em Brumadinho e que muitas vezes eles não estão nem cientes de todo o potencial que Brumadinho tem. Por exemplo, o nosso interior aqui, Casa Branca, nós temos locais de arvorismo, de cachoeiras, mas falta um pouco de divulgação aqui dentro do próprio município. A população é totalmente aberta para o turismo, nós queremos que o turista sintasse em casa, os comerciantes que atuam em Brumadinho sabem de como é importante esse turismo pra gente né? Esse retorno, de como que a população ganha com isso. Nós sabemos do Inhotim, que é uma âncora aqui para o município, que traz muitos turistas pra cá, mas a gente quer aproveitar esses turistas que vêm somente o Inhotim aqui em Brumadinho, que também temos muitas outras coisas, nós temos potencial, temos várias outras coisas aqui que podemos divulgar tão quanto o Inhotim. Falta divulgação, falta o município também estar mais preparado para esses turistas que vem para o Inhotim. Acho eu falta um roteiro turístico para quando as pessoas estiverem visitando o Inhotim, também possam conhecer os outros lugares de Brumadinho.

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Luana: Acho que a cidade poderia melhorar nesse sentido de que nós poderíamos trabalhar mais em prol com essa visão do turismo. Que o turismo é uma coisa extremamente importante, nós poderíamos utilizar o turismo como uma ferramenta a nosso favor, porque aqui a questão do emprego é tudo muito voltado para a mineração, acho que podia ter mais incentivo para a questão do turismo para que a gente pudesse gerar outros empregos através do próprio turismo. Eu acredito que o Inhotim, que a nossa maior referência turística de Brumadinho, ele está abrindo essa oportunidade e a gente tem que aproveitar essa oportunidade. Acho que ainda faltam restaurantes e pousadas. A cidade está preparada psicologicamente para o turismo, mas não estruturalmente. Eu acho que a população já tem essa noção, mas falta ainda apoio, falta infraestrutura.

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Luana: Eu acredito que a cidade está mais conhecida em todo o mundo, porque o Inhotim hoje tem visibilidade mundial, eu acho que o turismo trouxe essa visão para a cidade, fez com que vários restaurantes pequenos hoje pudesse se tornar até um restaurante de charme, porque nós temos alta gastronomia dentro de Brumadinho. Então muitos estabelecimentos já enxergaram isso, essa possibilidade por causa do turismo. Então você percebe que eles estão buscando esse aprimoramento.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Luana: Sim, porque o turismo hoje é tudo, os municípios têm que ter esse olhar, porque o turista que vem ele traz dinheiro, ele compra uma coisa aqui outra ali, ele consome, ele dorme em algum local. Então isso tudo é uma cadeia mesmo, então ele vai ajudando essa cadeia que ajuda o município a crescer.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Luana: Existia, mas com uma visão muito menor, e com um número de turistas muito menor também. Aumentou muito o número de turistas aqui na cidade, e com certeza o Inhotim foi a grande âncora disso. Com a chegada dos turistas foram abertas várias pousadas no entorno, surgiram roteiros ecológicos na região, em Casa Branca mesmo temos as atividades de arvorismo, temos pousadas, temos o Topo do Mundo, que também é dentro de Brumadinho, temos a Rota da Cachaça... então a gente até sabe do potencial que Brumadinho tem e eu acredito que o Inhotim só veio para fortalecer isso tudo.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Luana: Eu acredito que a cidade tinha que ser repaginada na verdade, no sentido de cidade mesmo, de beleza, a cidade está precisando de uma mudança, esteticamente falando, para que pareça ser uma cidade mais aconchegante, porque nós temos potencial turístico, nós temos atrações turísticas, mas acredito que muitas vezes esse centro de Brumadinho, essa chegada até Brumadinho, ela está precisando de uma repaginada, para o turista vir e querer ficar aqui mesmo. Porque o turista que chega aqui não usufrui da cidade, ele nem sabe do potencial turístico de Brumadinho, ele vai direto para o Inhotim.

Larissa: Quais são as maiores dificuldades que você percebe que interferem no desenvolvimento do turismo em Brumadinho?

Luana: Falta de apoio por parte da gestão pública, falta de divulgação dos atrativos de Brumadinho, e falta de infraestrutura na cidade para receber os turistas que chegam aqui.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Luana: Eu espero que o turismo se desenvolva mais, que cresça o número de turistas aqui em Brumadinho, que gere mais empregos e renda para a população daqui, mesmo porque, um dia o minério vai acabar, e eu acho importante que as pessoas já entendam que o turismo pode ajudar na economia da cidade.

Entrevista C3.

Entrevistado: Sueli Silva

Profissão: Dona de Casa

Data: 09 de julho de 2015

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Sueli: Eu vejo que teve muita melhora para Brumadinho, assim de tudo sabe? Por parte da população, das estradas porque ficou tudo muito mais bem arrumado né? Os bairros lá, igual a Cohab, eles arrumaram lá...asfaltou tudo! Eu acho que em relação ao turismo uma parte da população participa e outra parte não, porque muitos já gostam disso, falam que o Inhotim trouxe serviço para Brumadinho, outros falam que trouxe prejuízo para Brumadinho, porque fez as coisas “ficar” cara, nesse sentido o custo de vida aqui elevou muito! É caro morar em Brumadinho moça!

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Sueli: Não! Não está não! Ah eu acho que Brumadinho não tem estrutura para receber turista assim não... Falta muita coisa ainda! Faltam pousadas bacanas aqui em Brumadinho Sede mesmo, mas fora daqui tem, mas estou falando daqui...aqui não tem! Quem chega de fora aqui acha que isso é uma roça! Que não é bem uma cidade, que é uma rocinha. Acham feio!

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Sueli: Eu acho que fizeram muita coisa bacana para Brumadinho, como a entrada de Brumadinho, onde arrumaram a avenida, os canteirinhos com plantas. Melhorou um pouco isso sabe?

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Sueli: Eu acho que sim, porque eu acho que o turismo pode ajudar em muita coisa, na cidade, crescer mais, melhorar as coisas que ainda estão ruins, como os acessos, empregos, porque agora estamos com muito desemprego aqui.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Sueli: Para mim, do meu ponto de vista não tinha turismo aqui antes do Inhotim. Isso ficou forte aqui depois que abriram o museu, porque antes disso ninguém vinha pra cá não.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Sueli: Essa eu não sei responder... porque para mim, não mudou muita coisa, mas para cidade, até que melhorou algumas coisas, Brumadinho agora é conhecida né?

Larissa: Quais são as maiores dificuldades que você percebe que interferem no desenvolvimento do turismo em Brumadinho?

Sueli: Acho que falta parceria do pessoal aí da Prefeitura com o comércio, eu vejo que isso é muito fraco ainda.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Sueli: Eu espero e creio em melhorias para a cidade e para a população. Espero que o povo tenha mais emprego.

Entrevista C4.

Entrevistado: Ronaldo Silva

Profissão: Funcionário Público

Data: 09 de julho de 2015

Larissa: Como você vê a relação da população de Brumadinho com a atividade turística que vem sendo realizada na região?

Ronaldo: Olha, eu vejo uma população bastante interessada, eu creio que essas atividades só venha a trazer lucro para o comércio, até mesmo o desenvolvimento cultural das pessoas. Eu vejo as pessoas muito interessadas em estarem participando dos eventos, visitando...

Larissa: Na sua opinião, Brumadinho está preparada para receber turistas? Por quê?

Ronaldo: Está caminhando, mas ainda faltam algumas coisas, eu vejo que a estrutura ainda não está muito preparada, mas está caminhando para isso. Eu creio que nos próximos anos já vai estar bem melhor, a questão da infraestrutura mesmo, a questão de trânsito, a questão de estar recebendo turistas, o comércio, até mesmo o treinamento dos comerciantes, dos profissionais para estar recebendo turistas melhor né? O atendimento em si...eu acho que agora falta qualificação para isso tudo sabe?

Larissa: Quais as principais mudanças que a atividade turística trouxe para o município?

Ronaldo: A principal foi colocar Brumadinho na mídia, e ser reconhecido não só em Minas Gerais, mas no Brasil todo e fora do Brasil também. E com essa divulgação está trazendo progresso, mais desenvolvimento para a cidade.

Larissa: Você vê o turismo em Brumadinho como uma saída para o desenvolvimento local? Por quê?

Ronaldo: Sim. Porque Brumadinho depende basicamente da mineração, e as mineradoras estão em crise, e o turismo vem como uma válvula de escape para gerar empregos, desenvolvimento, atrair novos investidores, o que eu vejo como uma saída para a cidade.

Larissa: Como era o turismo em Brumadinho antes da abertura do Instituto Inhotim?

Ronaldo: Antes do Inhotim tinha turismo ecológico, por conta das cachoeiras, alguns distritos e áreas rurais com pontos turísticos históricos, mas o Inhotim abriu a visão das pessoas em

relação ao turismo. Porque antes até tinha alguma coisa, mas as pessoas não davam muito valor. Agora com o Inhotim, as pessoas estão passando a dar mais valor, mais reconhecimento das coisas que fazem parte do município.

Larissa: Após a implantação do Instituto Inhotim na cidade, qual foi a maior mudança na atividade turística local?

Ronaldo: Eu acho que foi a vinda de novas pessoas para visitar Brumadinho. Nos finais de semana principalmente, recebemos aqui na cidade um outro tipo de público. Gente de outros estados, até mesmo um público internacional, artistas, foi isso sabe? Mais a mudança de tipo de público vindo para a cidade e a quantidade de gente vindo para cá. Isso é bom para o comércio, mas voltando a falar que o comércio ainda precisa se estruturar melhor para estar recebendo esse pessoal aí, que poderiam de certa forma usar mais a cidade, porque eu vejo é que eles vem pra cá, passam por dentro da cidade, mas não ficam aqui, não param na cidade. Vão direto para o Inhotim! E o município tivesse algo que os atraísse dentro do município, como restaurantes, hotéis, eu creio que eles parariam dentro da cidade. Ainda não chegamos nesse nível de turismo não... Falta ainda aqui na sede alguma coisa para atrair esse público para a cidade e não só para o Inhotim.

Larissa: Quais são as maiores dificuldades que você percebe que interferem no desenvolvimento do turismo em Brumadinho?

Ronaldo: Eu acho que falta incentivo. Incentivo dos políticos, incentivo financeiro, incentivo das empresas estarem investindo aqui. Falta isso mesmo, investimento e treinamento, qualificação da mão de obra.

Larissa: O que você espera e como você vê o turismo em Brumadinho nos próximos anos?

Ronaldo: Eu espero que com a reestruturação da cidade, com as mudanças no trânsito, acontecendo esses treinamentos, eu espero que seja uma cidade bem visitada, uma cidade que chame bastante a atenção das pessoas, que Brumadinho se torne uma cidade turística de verdade. Porque hoje eu ainda acho que não somos uma cidade turística, mas estamos caminhando.

Entrevista C5.

Entrevistado: Valdir de Castro Oliveira

Profissão: Jornalista e Professor universitário

Data: 11 de julho de 2015

Brumadinho é um município que toda vida ele se baseou na mineração, todo o seu desenvolvimento, a sua evolução como município se deu através da ferrovia e da mineração, então o horizonte sempre foi esse. A partir do momento em que o município passou a crescer, porque no país inteiro houve um boom de crescimento, principalmente após a ditadura militar, e no decorrer dela, com o chamado “milagre brasileiro”, Brumadinho também começou a crescer, e em 1978 aqui foi criado o primeiro condomínio horizontal da América do Sul, chamado Retiro das Pedras, e a partir desse condomínio passou a acontecer uma expansão imobiliária no município, principalmente na região serrana de Casa Branca, na Serra da Moeda. E com essa expansão imobiliária, e também com o crescimento de Belo Horizonte, muitas famílias passaram a vir para Brumadinho, ocasionando uma expansão imobiliária também na Sede do município e nos arredores. Até 1950, a cidade de Brumadinho tinha mil habitantes, a maioria deles analfabetos, e depois de 1970, 1980 esse boom da expansão imobiliária começou a alterar também a base econômica do município. Então não eram apenas as mineradoras os protagonistas da economia brumadinense, com essa expansão também houve a necessidade de novos serviços e novas formas de arrecadação de impostos e a municipalidade passou a ser um ente mais presente na vida do município.

Com a Constituição de 1988, e com uma certa descentralização do Estado, muitas atividades que eram de prerrogativa do município ou do Estado, passaram para o município, e com isso, por exemplo, em 1991, se instala o Sistema Único de Saúde no município, o hospital que era privado foi municipalizado, criou-se uma Secretaria de Saúde. Também na área da educação o número de alunos aumenta exponencialmente, e a expansão imobiliária ela ganha uma projeção muito grande no município. Então até 1990 essas mudanças vão reconfigurando tanto o poder político do município, quanto as perspectivas econômicas, e a partir desse momento, as elites políticas do município já não pensam mais que o desenvolvimento seria apenas trazer indústrias para cá, e que esse desenvolvimento seria só da mineração. Então começa a se projetar novas perspectivas de desenvolvimento, e claro que ainda na perspectiva de trazer indústrias, porque essa era uma perspectiva muito forte, então as pessoas queriam desenvolver porque o município sabia de certa maneira que o minério não dá duas safras, usando um jargão da década de 50, 60, o minério não dá duas

sacas. Então foi aí que ele se tornou um município maior, e nessa altura já se começou a pensar nas possibilidades do turismo. Mas ainda era um pensamento muito embrionário, porque o movimento para o turismo como uma fonte de renda, um fator de emprego, mundialmente já tinha ganhado grandes projeções em muitos lugares, mas aqui em Brumadinho começava-se a vislumbrar essa idéia do turismo como uma das possibilidades de renda. O município de certa maneira estava estagnado do ponto de vista econômico, então essa idéia era muito bem vinda.

Em 1986, o Bernardo Paz que é o proprietário do Museu de Arte Contemporânea, ele comprou a mineradora que ele detinha o controle, que era a ITAMINAS, e comprou uma outra mineradora aqui no município. A mineradora dele ITAMINAS era no município de Sarzedo, daí ele comprou uma mineradora aqui, e ao comprar essa mineradora, veio com ela uma propriedade, que era a residência dos administradores das mineradoras desde 1938. Ele, o Bernardo Paz, gostou tanto desse lugar, porque o antigo proprietário morava lá desde 1949 e ele tinha uma perspectiva ambiental fora do comum para aquela época, onde ele começou a organizar aquele espaço com plantas e árvores exóticas, e criou um ambiente muito bonito, de modo que o Bernardo Paz quando adquiriu a propriedade passou a morar nela também e deu continuidade nesse projeto paisagístico já iniciado pelo antigo proprietário. O museu criou essa narrativa de que os jardins do Inhotim foram projetados pelo Burle Marx, onde na verdade, isso tudo começou lá atrás, com o antigo dono da propriedade, e o Burle Marx mesmo foi lá um dia apenas e fez algumas contribuições.

A partir de 1995 ele começou a criar o espaço que existe hoje, ou seja, ele começou a comprar peças de arte moderna e contemporânea e trazer artistas de arte contemporânea para conversar com ele, porque ele sempre vislumbrou ser um mecenas das artes, mas como ele não tem muito estudo, ele se ancorava nessas pessoas. Mas ele sempre foi muito visionário, e aí ele começou a montar isso lá e aos pouquinhos foi montando o museu. Quando ele começa de fato a construir o que viria a ser o museu hoje, ele começou esse processo nos anos 90, mas a foi na década de 2000 que o Inhotim tomou a forma que tem hoje, ele também passa a interagir mais com o município, porque até então ele não interagira com o município. Tudo ali era propriedade particular dele, inclusive ele tinha uma boa relação com a comunidade do Inhotim, mas ele ficava lá na dele, sem interagir muito com a comunidade em si.

Então quando ele começa a fazer isso, ele acaba entrando na discussão do município a respeito do desenvolvimento, e a medida que o museu foi inaugurado em 2004, ele já começou a atrair muita gente para cá, e nessa altura, o município passa a fazer uma grande discussão do Plano Diretor, com toda a população, no caso, envolvendo a população, usuários

e empreendimentos, e acabou que o museu também entrou nessa discussão, e se criou o Plano Diretor do Município como fruto de uma ampla discussão dos munícipes a esse respeito. E o que mais pesou nessa discussão, e obviamente que o museu aí teve uma influência, foi o fato de que a elite política do município já questionava que para o nosso desenvolvimento o minério algum dia vai acabar, portanto, o turismo hoje se coloca como algo promissor para o município em função do Inhotim, porque já era muito considerável a quantidade de pessoas que vinham para visitá-lo a partir de 2004, depois que ele foi oficialmente inaugurado, porque ele já atraía pessoas, mas não tinha sido oficialmente inaugurado, quando ele é oficialmente inaugurado em 2004 a pergunta é, olha, nós estamos na região metropolitana de Belo Horizonte, numa condição ímpar. Por quê? Porque três mil, quatro mil, cinco mil pessoas vindo aqui de fim de semana só visitando o Inhotim e voltando. Não seria melhor pensar numa política de desenvolvimento do turismo de maneira que a gente possa compartilhar desse potencial que o museu tem para nós, que ele traz para o município?

E a partir daí foi criado o Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, nesse contexto que ele foi criado, juntando com vários municípios da região, mas Brumadinho segurando, e a partir daí começou-se a criar uma interação inclusive com o Museu, porque o museu nesse momento começa a contribuir para isso, e começa a se discutir as possibilidades. No governo Tônico da Bruma, onde foi no governo dele criado o Plano Diretor, que é um plano muito ambicioso, lá se destaca muito claramente as potencialidades e os caminhos do turismo para o município. Para isso pensava-se que deveria ter uma política voltada para isso, fomentar a iniciativa privada nesse sentido, e o poder público criando as bases para isso, e o museu entrando com essa potencialidade de trazer as pessoas para cá. Isso significa que o município deveria estar investindo em alternativas ou outras possibilidades para que o turista ao chegar aqui para visitar o museu, depois do museu ele fosse visitar a cidade. Para isso o município teria que investir também.

Então esse foi um ideal, que de certa maneira, é um ideal que está caminhando, e ainda muito presente, a infraestrutura do município para o setor de turismo comparando com a década de 90, que era praticamente zero, então hoje pode-se dizer que já melhorou muito, porque já tem vários hotéis e pousadas, e isso tem muito a ver com essa presença do Inhotim e a discussão é a seguinte, se não fizermos alguma coisa vai chegar um momento em que as mineradoras vão embora e nós não vamos ter nada. Então, foi nesse contexto que foi criado o pensamento de turismo em Brumadinho.

Agora, como que se chegou nisso? Houve muitos conflitos, muitas perspectivas diferentes, mesmo com o museu houve muita dificuldade, o museu no início ele teve muita

dificuldade para se comunicar com a população, aliás, até hoje isso existe. Porque em geral os administradores do museu são pessoas que vem de fora e não entendem a realidade daqui. Em uma cidade do interior, você tem um poder que está estruturado, então se chega um ente de fora, você desestrutura isso, e gera conflitos entre as partes. Então a própria municipalidade, onde eu mesmo tive que apartar brigas entre o Bernardo e o Prefeito, porque, por exemplo, o Bernardo queria a municipalidade fizesse o asfaltamento de Brumadinho até o museu, é justo ele pedir isso uma vez que as coisas que ele trazia para o município era para o bem de todos, mas o prefeito falava que não ia fazer isso, que só faria se ele desse em troca isso, e aquilo... então entrava um jogo de barganhas, eles entravam em brigas um com o outro, e eu muitas vezes tive que entrar no meio para segurar isso, mas por que isso? Porque o poder político local de certa maneira passou a disputar poder com o Inhotim, e o prefeito falava claramente que o prefeito era ele e não o Bernardo. De certa maneira o museu com aquele poder que ele tinha ele passa a influenciar e também a querer mandar, então isso gerou um problema muito grande, barrou muitas iniciativas para o desenvolvimento do município, e assim foi.

A própria população ao desconhecer o próprio Inhotim começou a se criar um certo mal-estar porque quando o museu trazia a mídia nacional e regional para cá, as pessoas noticiavam museu como se não existisse o município e muitas vezes de forma enviesada, por exemplo, em uma revista da Globo saiu uma reportagem dizendo: “Um museu que foi construído em um nada!”, isso criou uma revolta na população, uma discussão muito grande em torno disso, e também o museu ao atrair milhares de pessoas para cá, obviamente que os visitantes passam pelo centro de Brumadinho, então de fim de semana ou feriados a cidade fica intransitável, de modo que a população passa a atribuir este desconforto do trânsito, que antigamente não havia até então, ao museu. E como a população não tinha muita notícia do museu, porque o museu se comunicava mal com a população, então ela percebia a presença do museu pelo trânsito engarrafado na cidade. E aí também vem um outro problema que é de ordem mais objetiva e mais social, é que é o seguinte, o museu passa a comprar propriedades no município, inclusive hoje ele é um dos maiores proprietários de terras do município, só que com isso aí ele inflacionou demais o mercado imobiliário na região, porque ele sempre comprou por preços astronômicos, e isso criou um problema social porque as pessoas não podiam comprar terrenos aqui, porque o preço de um lote em Brumadinho hoje em dia é absurdo. Quando eu comprei esse lote aqui eu paguei doze mil reais, e em torno de dois ou três anos depois, um lote aqui no bairro custa facilmente uns duzentos ou trezentos mil reais, ou seja, super inflacionado. Embora isso também esteja ocorrendo na região metropolitana de Belo Horizonte, mas aqui foi muito acentuado por causa d Inhotim. E propositadamente o

museu fazia isso, ele comprava terreno para inviabilizar a chegada de novos habitantes no entorno do museu, para evitar o crescimento desordenado do município para o lado deles, e também evitar o processo de favelização do lado do Inhotim. E por que isso? Um museu voltado para a questão da preservação ambiental e para a arte contemporânea, dentro de um contexto de violência e favelas não seria interessante, e obviamente também que ele se transforma em um ator político e passa buscar espaço nos conselhos municipais de desenvolvimento, e é onde ele começa a disputar inclusive poder político com outros atores sociais. E essa questão dos altos preços dos imóveis de Brumadinho, isso induz a verticalização da cidade que, aliás, não tinha nenhum prédio aqui, e hoje já tem. E a população interpreta que o Inhotim é o responsável por isso, que é em partes, mas não totalmente, mas então isso também cria um receio entre a população e o museu.

Depois, o museu também passa a se articular com as mineradoras, que embora elas façam a degradação ambiental, porque infelizmente a mineração não tem outro jeito de acontecer, mas o museu que seria um ente de preservação ambiental, ele passa a se aliar as mineradoras porque elas se transformam em financiadoras do museu. Então o museu passa a entrar nos fóruns de Brumadinho se articulando com as mineradoras em função dos seus próprios interesses, e não numa perspectiva do desenvolvimento do município, quer dizer, é isso que fica na imagem da população e de certa maneira hoje está muito no imaginário das lideranças políticas do município, criando uma tensão.

Hoje, de certa maneira, o museu é um poder muito forte no município, e como todo poder, ele desperta simpatias e antipatias. Muitas pessoas acham que o museu tudo pode, então tudo caminha pra lá, nas eleições o museu interfere, se não interfere, as pessoas vão lá e buscam a interferência dele.

Como o museu interfere em muitos aspectos, ele está no imaginário das pessoas, e de forma positiva e negativa, cada um interpreta de uma forma. Pesquisas mostram que a maioria da população aceita a presença do museu na cidade com tranquilidade, por quê? Porque ele gera emprego, de certa maneira ele tem contribuído com algumas coisas do município e há outras pessoas, que talvez até por falta de informação, tem um pé na frente e o outro atrás com o museu, embora em alguns casos, eles têm razão para ter essa desconfiança, justamente por fatores como a especulação imobiliária e as conseqüências disso para a sociedade de Brumadinho, e isso tema ver sim o museu. E outro fator é de que a mídia que cobre o museu, sempre coloca Brumadinho em segundo plano e isso irrita a população. Então, esse imaginário das pessoas, de não se sentirem parte desse processo, é correto. Agora do ponto de vista dos fatos, e daí talvez falte uma boa política de comunicação do museu com a

comunidade, se você for ver a relação do museu com a comunidade, ambos os lados cometeram muitos equívocos. Do ponto de vista do museu, percebe-se a falta de comunicação e falta de habilidade para lidar com a comunidade, falta de sensibilidade sobre o que é o município, então tudo isso contribui para esse distanciamento da população para com o museu.

Agora do ponto de vista da comunidade esses mesmos problemas estão presentes, o município até hoje explorou muito pouco o potencial do museu, muitas “briguinhas” políticas do município que foram conduzidas por nossos governantes locais, como a questão do asfalto até o Inhotim, foram coisas que atrapalharam no desenvolvimento do município. Falta por parte do governo público, perceber quais vantagens eu posso trazer para o município por meio dessa estrutura que foi montada, sem a participação do governo municipal, ou seja, o governo de Brumadinho não gastou um centavo sequer para a criação do Inhotim, e isso está no município a disposição de todos. Hoje, o museu recebe em torno de dez mil pessoas durante o fim de semana, é muita gente! E a minha pergunta é, como que eu posso aproveitar isso melhor? E é isso que o governo local não faz, por conta de rinchas e disputas de poder.

E quais são os fatos? O museu traz em torno de dez a quinze mil pessoas para Brumadinho todo fim de semana; projeta Brumadinho internacionalmente; parte dessas matérias enviesadas sobre o museu já estão superadas, porque o próprio museu está “vacinado” contra isso, e toma mais cuidado com o que é publicado. Eu mesmo, aqui nos jornais e no rádio eu “*metí tanto o pau*” no museu por causa disso, que eles mudaram essa forma de falar de Brumadinho, hoje em dia eles já vão avisando, “olha, cuidado como vocês falam de Brumadinho e tal...”, exatamente para evitar conflitos desnecessários.

E objetivamente, o que o museu tem feito pelo município? Ele tem tido uma grande influência nas bandas de músicas daqui do município, eles têm projetos de inclusão social de crianças, coral de Brumadinho com as crianças de Brumadinho. O museu só contrata mão de obra de Brumadinho para serviços gerais, ele evita contratar pessoas de fora, ele não deixa de contratar, mas ele evita fazer essas contratações. Tanto é que hoje o museu é o segundo maior empregador de Brumadinho, o primeiro é a Prefeitura, porque ela cresceu tanto, que há um tempo ela tinha só 20 funcionários, hoje ela tem de três a quatro mil funcionários. O Inhotim tem mais de 500 funcionários. As próprias mineradoras hoje estão em terceiro lugar nessa questão de empregadores, porque com a questão da tecnologia, diminuíram muito a mão de obra, então objetivamente falando, o museu ainda tem essas questões, mas a relação entre população e museu ainda é mal conduzida e mal resolvida. Muita gente ainda tem um

pensamento muito preconceituoso, por conta dessa dificuldade de articulação do museu com a população.

O museu cresceu muito rápido, então isso perturbou muito uma elite que não estava preparada para isso. E quer queira, quer não, o museu passou a ser a nova forma de poder aqui, então ele passa a disputar o poder no município. E por muitas vezes, por ele ser um poder estruturado, muitas vezes ele segue um viés autoritário, um viés muito fechado, da mesma forma que você encontra isso na Prefeitura. Agora, uma coisa é certa, se há do lado do Inhotim um esforço em colocar uma ponte para estabelecer essa relação, do lado de cá às vezes a coisa é muito complicada. Porque existe a questão dos favores políticos, e nisso muita gente começou a achar que o museu tinha dinheiro para tudo quanto era coisa, e realmente tinha afinal tudo que era propriedade em Brumadinho ele começou a comprar, e por um preço altíssimo, porque o dinheiro sobrava. Mesmo lá na comunidade do Inhotim, o Bernardo chegava e perguntava, “quanto que você quer para vender o seu terreno? O cara dizia vinte mil. Daí ele dizia, não, vinte mil é pouco, toma quarenta mil”. Então isso criou uma ilusão de que lá era um “poço sem fundo”, e na verdade tinha muito dinheiro mesmo, porque o minério estava muito valorizado, mas agora o cenário mudou. E nisso, as pessoas iam até lá procurar emprego, ajuda para isso e aqui, e de certa forma, isso acabou. Então isso também foi criando uma relação tensa.

Mas agora, do meu ponto de vista, o museu foi o que de melhor aconteceu para Brumadinho nos últimos anos. Mesmo com todos esses defeitos e essas dificuldades, e com toda a minha angústia do museu ter acabado com a comunidade onde eu morava, porque eu morava lá na comunidade do Inhotim. Independentemente desse meu sentimento, de uma forma objetiva, o museu é a maior oportunidade que o município está tendo para o seu desenvolvimento. Falta o município agora tirar proveito dessa potência que está instalada aqui. Veja bem, o Bernardo, milionário como ele é, ele podia ter pegado esse dinheiro e investido nos bancos da Suíça, podia ter feito de um tudo, mas ele decidiu investir aqui, e em uma coisa que a elite brasileira não investe, que é em cultura! Isso não existe, o “cara” investiu em cultura. Se o turismo hoje é uma alavanca para o desenvolvimento nos países mais desenvolvidos, por que não pode acontecer aqui também? Olha que coisa maravilhosa, nós não precisamos ir atrás de turistas em lugar algum, as pessoas estão vindo para cá por interesse delas, sem tirar um centavo do bolso dos cofres da Prefeitura para divulgar a cidade, e isso tem que ser mais bem aproveitado. Então o museu aqui é um grande empreendimento, que infelizmente é mal interpretado pelas razões que eu te falei, mal explorado e uma elite

política local que não consegue se dar conta da grandiosidade disso tudo. Porque na verdade, todo mundo quer tirar um proveito disso tudo e não estão pensando em prol do município.